

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**Elaine de Castro Leão**

**SUNDJATA KEITA: A SAGA DO HERÓI ANCESTRAL**

Juiz de Fora - MG  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LEÃO, Elaine de Castro.

SUNDJATA KEITA: A SAGA DO HERÓI ANCESTRAL / Elaine de Castro LEÃO. – 2017.

73 p.

Orientador: Victor Martins de SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. África. 2. Sundjata. 3. Oeste da África. 4. Herói. 5. Tradição oral e literatura africana. I. SOUZA, Victor Martins de, orient. II. Título.

**ELAINE DE CASTRO LEÃO**

**SUNDJATA KEITA: A SAGA DO HERÓI ANCESTRAL**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Me. Victor Martins de Souza

Dedico este trabalho a minha sobrinha,  
Helena, que ela cresça respeitando, todas as  
pessoas, independente da raça, credo ou  
gênero.

## AGRADECIMENTOS

*“Se quiser ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado”.*

Provérbio africano

E por jamais estar só é que agradeço às pessoas que estão sempre comigo, senão em todas, em algumas etapas de minha jornada:

A Deus que sempre colocou em meu caminho todo o necessário para crescimento e aprendizado, eu só tenho que agradecer-Lo por mais uma oportunidade, o Curso de História da África.

À minha mãe, que me ensinou a importância dos livros e certamente estaria orgulhosa da filha professora.

Ao meu pai, Geraldo, e Marília que sempre me incentivam e apoiam.

Ao meu irmão, que o é no sentido pleno da palavra.

A Shirlei, amiga de vida e amiga de curso, que tolerou todas as minhas crises durante esses 16 meses.

Especialmente a amiga Elsimar, que sempre me guiou pelo caminho das pedras.

Ao professor Victor, por todo incentivo, paciência e disponibilidade.

Aos tutores Eduardo, Juliana e Jéssica, por todo o suporte e dedicação.

Ao Daniel que suportou todos os pedidos, perguntas e mais pedidos, sempre com um sorriso no rosto.

A todos os professores que passaram pelo curso e a todos os colegas de turma que contribuíram inigualavelmente para meu aprendizado e crescimento.

A todos vocês, muito obrigada!

“Há povos que se servem da linguagem escrita para fixar o passado; mas acontece que essa invenção matou a memória entre os homens: eles já não sentem mais o passado, visto que a língua escrita não pode ter o calor da voz humana.”

(Djeli Mamadu Kuyatê em Sundjata ou a epopeia Mandinga, 1982).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e explorar a narrativa que conta a trajetória de vida de Sunjata Keita, um príncipe africano que se tornou o grande Imperador do Mali, um herói ancestral ligado as suas tradições, ao seu povo e até hoje lembrado e exaltado pelos africanos do oeste. Uma história repassada de geração a geração através da tradição oral e escrita por um grande historiador africano, um *doma*, Djibril Tamsir Niani que a ouviu de um djeli, Mamadu Kuyatê, e que agora será repassada aos alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

**Palavras-chave:** África – Sundjata – Oeste da África – Herói – Tradição oral – Literatura africana

## **ABSTRACT**

This work has as aim to present and explore the narrative that tells the story of Sunjata Keita, an African prince who became the great Emperor of Mali, an ancestral hero connected to his traditions, to his people and until this days reminded and exalted by the West Africans. A story passed from generation to generation through oral tradition and written by a great African historian, a *doma*, Djibril Tamsir Niani, who has heard it from a *djeli*, Mamadu Kuyate, which will be now passed on to students in Elementary and Secondary Education.

**Keywords:** Africa - Sundjata - West Africa - Hero - Oral tradition - African literature

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	9
2. PROBLEMATIZAÇÃO -----	15
3. PROJETO DE LEITURA -----	20
4. MATERIAL DIDÁTICO -----	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	45
PORTFÓLIO -----	48

*“O conhecimento é como um jardim, se não for cultivado não pode ser colhido.”*

*Provérbio africano.*

## 1. INTRODUÇÃO

A lei 10.639, sancionada em janeiro de 2003, que acrescentou dois novos artigos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), surgiu da demanda da comunidade afro-brasileira buscando políticas de reparação, reconhecimento e valorização de sua história, tornando obrigatório o ensino sobre História e cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental e Médio, em escolas públicas e privadas.

Visando a implementação da lei, o Conselho Nacional de Educação, aprovou em março de 2004 o Parecer 003/2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino da História da cultura afro-brasileira e africana.

A lei 10.639/03 em seu Artigo 26-A, § 2º diz que, “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.” Nesse sentido, o presente trabalho se insere neste contexto, ou seja, produzir material didático considerando a demanda e interesse gradativo por temas relacionados à História africana e à cultura afro-brasileira.

A pesquisa que se quer desenvolvida almeja trazer ao conhecimento dos alunos a História do Reino Mandinga antigo, a partir da trajetória de Sundjata, um herói ancestral, considerado pelo povo um herói nacional, que consegue superar os vários tipos de adversidades que aparecem ao longo de sua vida, sem perder a noção de pertencimento, e com isso, unifica o Mali. Seus feitos ainda hoje estão presentes na memória coletiva do povo que guarda sua lembrança de forma intacta.

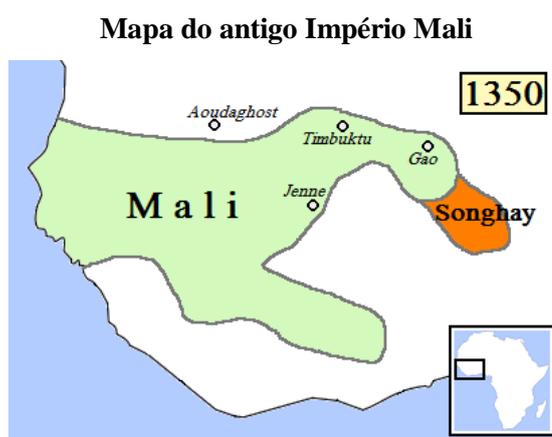


Imagem retirada do site:  
<https://faceaovento.com/2009/11/18/breve-sobre-historia-da-africa/>

A lenda de Sundjata mostra uma personagem abnegada, altruísta, ligada à família Keita e às tradições. Seu nascimento é prodigioso. Tem uma infância penosa devido a paralisia, que vence por sentir profundamente a tristeza da mãe, que era constantemente humilhada pelas outras esposas do rei, já que seu filho não conseguia desempenhar as tarefas tradicionalmente básicas que as outras crianças, com a mesma idade, já desempenhavam. Herda o trono do pai que é tomado por seu irmão mais velho e não o reivindica, indo para o exílio em terras distantes, não só para salvar a própria vida, mas para salvar a vida de sua mãe e dos irmãos que o seguem. Mesmo tendo uma vida confortável, vivendo na região de Nema, retorna quando seu povo solicita sua presença e pede por socorro por estar vivendo sob o jugo de Sumaoro Kantê, conquistando um reino de esplendor e glória, libertando o Manden. Nunca em uma atitude individual, nunca pensando em si, sempre pensando no coletivo, na família e em seu povo. A epopeia de Sundjata remete ao povo Malinké, como confirma Barry:

o chefe político que tornou o país confiável, o patriota ardoso que abre Manden ao progresso, em suma, o herói por excelência, símbolo, cuja memória permanece surpreendente viva no espírito dos Malinkés e permanece para todos a figura mais ilustre da história medieval da África Ocidental. (2000, p.9).

**Homenagem a Sogolon Kondé, mãe de Sumjata Keita, em Bamako, capital do Mali.**



Imagem retirada do site:  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plaque\\_de\\_Sogolon\\_-\\_Bamako.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plaque_de_Sogolon_-_Bamako.jpg)

Bem diferente dos conhecidos heróis ocidentais baseados, sobretudo, na mitologia grega e nos contos épicos, que são vistos como semideuses (nascido de um ser divino e um ser humano), sendo mais que um homem e menos que um deus e realizavam ações excepcionais, relacionados a moral e ética, impossíveis a um ser humano comum, mas também ações individualizadas e voltadas para questões próprias e que não tinham relação com o coletivo. Um exemplo é a história da Guerra de Tróia que acontece pelo ato egoísta do jovem Paris que se apaixona por Helena e com isso destrói toda a sua

cidade. Ou ainda a história de Odisseu, que após participar da guerra de Tróia tem como única obsessão voltar a Ítaca para os braços de sua amada Penélope, em uma viagem que dura dez anos e dá origem a sua aventura.

O Sundjata histórico nasceu na região Oeste da África, região do Mandem, viveu entre 1190 a 1255, século XIII. Filho de Nare Fa Maghan (que pertencia a um clã de caçadores) e Sologon Kondé, nomes esses ligados as tradições de família que tinha por totem<sup>1</sup> um leão, por parte de pai e um búfalo, por parte de mãe. O príncipe

foi homem de muitos nomes: na língua soninke chamavam-no de *Maghan Sundiata*, o que quer dizer “rei Sundiata”; em maninka, foi conhecido como *Maridiata*, ou “senhor Diata” (leão); também teve os nomes de *Nare Maghan Konate*, isto é, “rei dos Konate, filho de Nare Maghan”, e *Simbon Salaba*, “mestre-caçador de fronte venerável”. (NIANE, 2010, p. 151).

Sua vida é cheia de superação. Nasceu com um problema na perna que não o permitia andar. Quando finalmente consegue andar é perseguido pelo irmão e exilado. Não consegue hospedagem de nenhum chefe maninka, que tem medo de sofrer represálias, e segue para Gana (Nema). Lá é encontrado por mensageiros do Mandem que relatam o sofrimento de seu povo e pedem seu retorno. A medida que vai retornando, vai conquistando aliados e derrota Sumaoro Kantê na famosa batalha de Kirina. Sumaoro (que pertencia a um clã de ferreiros), rei de Sosoe, atacou o Mandem várias vezes até conquistá-lo. Fez reinar o terror tanto pela força quanto pela magia e foram os excessos deste rei que levou o povo Mandem a procura de Sundjata.

Djibril diz que:

É bem provável que, se Ibn Battūta e Ibn Khaldūn não tivessem mencionado o conquistador em seus escritos – em 1353 e 1376 respectivamente –, os historiadores europeus considerassem Sundiata Keita ancestral mítico ou lendário, tamanha e a importância dele na história tradicional do Mali. (p. 148)

---

<sup>1</sup> Animal, planta ou objeto que serve como símbolo sagrado de um grupo social (clã ou tribo) e é considerado como seu ancestral ou divindade protetora.

No presente estudo, como prática pedagógica, escolhi trabalhar o romance escrito pelo historiador Djibril Tamisir Niane, de 1960, primeira versão em Francês, sobre essa tradicional história da África ocidental, que atravessa os séculos através de uma extensa linhagem de historiadores orais, os djelis. Niane transcreveu a narrativa feita pelo Djeli Mamadu Kuyatê, contando a vida Sundjata Keita, que se tornou Imperador e unificou o Mali.

Existem mais de trinta versões sobre a história do Imperador Malikê, três versões em forma de livro. Em português temos apenas uma versão traduzida, a de Niane, e uma HQ, de Will Eisner. Heloisa Pires Lima, em Toques do griô diz que:

No entanto, todas concordam em alguns pontos: a origem de Sundjata no Mandem; a dificuldade de andar na infância; o sofrimento da rainha, sua mãe; o fato de ele partir para o mundo e ir conquistando aliados; o sofrimento de seu povo, que o faz retornar; a vitória da batalha de Kirina; a confederação na qual predomina uma aliança política entre os reinos; e as leis próprias do Império do Mali. (2010, p. 94)

Comentário que coincide com a informação de Niane em HGA “Com diferença de pormenores, os principais traços acerca das origens do Mali e das façanhas militares do fundador do império são os mesmos em todas as “escolas””. (Niane 2012, p.144)

A história contém importantes lições atemporais. A aparência repulsiva da mãe de Sundjata não mostra seu verdadeiro caráter e ela se torna uma rainha honrada; Sundjata supera uma dificuldade física, nas pernas, para se tornar um grande guerreiro; a hospitalidade dos governantes que recebem Sundjata e sua família bem, durante seu período de exílio, são recompensados sob seu reinado; os leitores aprendem a respeitar sua própria história e seus ancestrais, pois eles são o elo com o passado.

Além disso, ressalta a importância de salvar as palavras dos historiadores orais, antes da chegada da alfabetização, nas palavras de Hampatê Bâ “Quando morre um africano idoso é como se se queimasse uma biblioteca”. A importância desses historiadores orais é marcada no próprio épico em que o griot, Balla Fassekê, desempenha um papel fundamental na vitória de Sundjata contra Sumaoro.

Os griots tomaram parte em todas as batalhas da história, ao lado de seus mestres, cuja coragem estimulavam lembrando-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados. Para o africano, a invocação do nome da

família é de grande poder. Ademais, é pela repetição do nome da linhagem que se saúda e se louva um africano. (HAMPATÉ BÂ 2010, p. 196).

A história e memória da África se baseiam na valorização da cultura oral, que tem um imenso valor e é preservada, principalmente, pelo griots, responsáveis pela conservação e transmissão das tradições orais. Na África do oeste os griots tradicionalistas são chamados djeli, pois a palavra griot não vem da tradição africana, é uma palavra francesa, que veio do colonizador. Balla Fassekê pertence a família Kouyatê, uma linhagem de djelis – griots – mestres da palavra e das artes. Os griots, ou djélis, são *depositários da tradição oral [...], são os menestréis da palavra africana [...], os condutores do rito de ouvir, ver, imaginar; participar, são os artesãos da palavra.* (SISTO, 2012, p.271).

Remontam ao século IX existindo desde antes da colonização e vem da região do norte do Iraque. Foi durante o reinado do Imperador Sundjata que ocorreu o reconhecimento dos djelis, que desde então ocuparam cargos de Conselheiros de reis conservando as Constituições e as tradições. Eles são historiadores, geógrafos, matemáticos, filósofos, sociólogos, médicos, mediadores, conselheiros, poetas, compositores, artistas, músicos, artistas plásticos. São sábios, são a memória do oeste do continente africano, a sua biblioteca, guardiões das tradições e dos costumes encarregados de todas as cerimônias. Suas funções, social e política, são de grande relevância no contexto da sociedade africana. Eles estão a serviço de todos, detêm a história de vida de seu povo e de todas as pessoas com quem convivem e conviveram, são a herança de tudo o que os ancestrais viveram e são respeitados por sua idade e por sua sabedoria Hampaté Bâ explica que “O nome *dieli* em bambara significa *sangue*. De fato, tal como o sangue, eles circulam pelo corpo da sociedade, que podem curar ou deixar doente, conforme atenuem ou avivem os conflitos através das palavras e das canções”. (2010, p. 195)

**SOTIGUI KOYATÉ** - Trabalho do artista francês **Bernard Pras** que são compostos usando anamorfose e montagem, com o uso da projeção distorcida para criar uma imagem aparentemente verdadeira de somente um determinando ângulo.



Imagem retirada do site:  
<http://www.arch2o.com/sotigui-kouyate-bernard-pras/>

Contam as histórias, sejam religiosas, políticas ou sociais em forma de poesia, geralmente acompanhados por instrumentos musicais, como a kora ou o xilofone. A Djelya é uma grande escola tradicional de griots dirigida pela família Kouyatê localizada no oeste da África. Ninguém se torna um griot por vontade, pois essa posição importante é passada como uma herança, de geração a geração, como uma espécie de casta, e ensinada desde pequeno. As sociedades africanas valorizam a oralidade, o poder das palavras, não apenas como comunicação cotidiana, mas também como uma forma de preservação da sabedoria.

*“Quando o rebanho se une, o leão deita com fome”.*  
*Provérbio africano.*

## 2. PROBLEMATIZAÇÃO

O racismo é um sistema de dominação social que produz resultados desumanos, abrindo um abismo entre brancos e negros. Ações afirmativas e políticas de inclusão social são necessárias para atender a população que sofre todo tipo de discriminação e de exclusão social.

É de extrema importância que haja um maior entendimento do racismo no ambiente escolar para a construção de projetos educacionais que proporcionem a integração social de todos. O objetivo da Lei 10.639/03 é oferecer suporte para a inserção de conteúdos novos e adequados, possibilitando que todas as outras ações sejam repensadas com o propósito de uma educação contra o racismo.

Um dos principais objetivos dos professores é a aprendizagem, o desenvolvimento dos alunos, através de ações e reflexões que giram em torno do processo de ensino-aprendizagem. Em um país de herança africana, a Lei impõe a necessidade de uma postura mais crítica e participativa dos educadores no sentido de promover a educação cultural do povo brasileiro, no que diz respeito à história do Brasil, da África e da população negra no Brasil, desta forma todos terão a oportunidade de conhecer a contribuição da população negra para a civilização e a história da humanidade.

É preciso esquecer a África retratada pela mídia por estereótipos negativos, como diz a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie<sup>2</sup>, por uma “história única”, debatendo o motivo da luta dos negros, apresentar várias personalidades negras em diferentes papéis sociais, valorizar a cultura africana e a afro-brasileira, ajudar os alunos a repensar a África e a encontrar sua identidade pessoal, desconstruir mitos e estereótipos, desacreditando o racismo, a baixa autoestima e o preconceito, conseguindo formar relações e identificações com o grupo ao qual pertence. Desta forma os alunos vão perceber que não precisam se parecer com os brancos para serem bem sucedidos. Devem aprender a observar as pessoas negras que ocupam papéis de destaque, para despertar para a ideia de que eles também, jovens negros, têm condições de alcançar um lugar de destaque.

---

<sup>2</sup>Chimamanda Ngozi Adichie escritora nigeriana no vídeo encontrando em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)

Devemos fazer um trabalho de valorização do negro, de sua história, cultura e sua luta desde o tempo de sua escravização.

Segundo dados da última pesquisa realizada pelo IBGE, realizada em 2014, 53% da população brasileira é negra. E mesmo sendo maioria ainda sofrem discriminação

É imprescindível tratar a África por uma perspectiva mais próxima de sua realidade: abordar temas como o ancião, o papel do griot como guardião da memória histórica, a história da ancestralidade, e de seus grandes heróis para que os afro-brasileiros possam sentir orgulho de sua ancestralidade e de sua herança africana e logo perceber que a população negra é parte da formação da sociedade brasileira.

A África é uma sociedade baseada tradicionalmente na cultura oral, que é usada não apenas para as comunicações do dia-a-dia, mas para a preservação de suas tradições e costumes, sendo passada de geração a geração através da oralidade, preservando, desta forma, a sabedoria de seus ancestrais. J. Vanisa menciona que “A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas”. (VANSINA, 2010, p.140).

Essa tradição desconcerta os ocidentais que, habituados a toneladas de papeis, não entendem como a repetição de fatos, em comunicações diferentes, basta para o povo compreender a mensagem e, com efeito, eles vão além da palavra, eles vivem as mensagens, vivenciam o que aprendem e aprendem o que vivenciam. Conseguimos entender isso na fala de Hampaté Bâ quando diz “Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil, nem sempre é *vivido*, enquanto o conhecimento herdado na tradição oral encarna-se na totalidade do ser.” (2010, p.189)

Antonacci, em seu texto História e pedagogia em “lógica oral”, esclarece de forma mais abrangente e pontual que eles detém uma habilidade única de articular linguagens para se expressar oralmente:

Outra “astúcia” vem do recurso ao intertextual que, em suas diferentes linguagens, acolhe todos os sentidos: visão, audição, fonação, gustação, tato, potencializando a humanidade africana, socializada à razão sensorial em suas expressões na produção, transmissão, renovação de saberes/mensagem. (2016, p.296).

Mas o povo africano, através da oralidade, improvisa, se adapta para comunicar o que quer que seja necessário, de acordo com a realidade em que vivem e nos mostraram isso assim que foram tirados de suas casas, de suas vidas e levados, escravizados, para outros países, trouxeram seus costumes e tradições como única bagagem e divulgaram através de danças, rituais, histórias e músicas, mesmo com as repreensões. Um exemplo é o uso da música como expressão de protesto pela escravidão. O Blues que nasceu da nostalgia dos escravos negros, como a primeira e principal forma cultural do afroamericano, sendo mais que uma simples música, mas também um meio de expressão sociológico e psicológico. O Jazz nasceu do Blues e como ele, era cantado nas igrejas e nos campos de trabalho. Mais tarde, esses dois estilos, inspiraram vários gêneros musicais em todo mundo. O povo Kel Tamacheque (*aqueles que falam tamashaq ou tamajaq é sociedade Bérbere - Amazigh, homem livre formada por descendentes dos primeiros habitantes do norte da África que ocupam atualmente um vasto território no Saara central*)<sup>3</sup> usou a música como uma forma de resistência e mobilização. Inicialmente os jovens Ichúmar (desempregado), que deixavam suas aldeias para ir trabalhar, compunham músicas chamadas por eles de issuf (nostalgia). Segundo o professor Mahfouz Ag Adnanem, a música:

ampliou-se e passou a ser usada para se falar de um/a jovem que começa a ganhar certa independência pessoal. Ela foi, inicialmente, censurada no Mali e no Níger, mas suas músicas de reivindicações, de guerra, de política e d'amor, circularam em toda região Tamacheque como um chamado aos jovens para pegar as armas e integrarem-se à rebelião dos anos 1990. Hoje, após os acordos de paz, os concertos se multiplicam em seus países e no exterior, sobretudo na Europa. (2013, p.6).

Maria Antonieta Antonacci é mais abrangente quanto a elaboração das formas de expressão, e nos mostra isso dizendo que:

Assentada em alargada concepção de comunicação, envolvendo arte e literatura, máscara, mímica expressões faciais para representar a realidade vivida, meios de comunicação em África “forjam seus suportes no aqui agora de seus afazeres”, assumindo função de arquivo. (ANTONACCI, 2016, p. 298)

---

<sup>3</sup>Professor Mahfouz Ag Adnanem Mestre em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP. Bolsista CNPq, membro da Casa das Áfricas.

Em África a maioria das obras literárias são tradições. Grande parte das mensagens históricas são as narrativas. Por narrativa, devemos entender histórias locais, familiares, épicas, etiológicas, estéticas e memórias pessoais. Vansina afirma que: “As tradições são também obras literárias e deveriam ser estudadas como tal, assim como é necessário estudar o meio social que as cria e transmite e a visão de mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de uma determinada cultura”. (2010, p.142)

Os “artesãos da palavra” tem liberdade para realizar descrições mais detalhadas, ajustar, modelar e remodelar, mas apenas do ponto de vista literário, pois deve manter-se fiel as fontes, até mesmo por imposição da sociedade. Como nas variantes da epopeia de Sundjata que, mesmo com tantas versões diferentes, os principais pontos da história são os mesmos.

A extinta Editora Ática iniciou, em 1979, a Coleção de Autores Africanos que teve 27 títulos lançados, sendo encerrada no início dos anos 90. Dentre esses livros, um deles é *Sundjata ou a epopeia mandinga* que tem como base a tradição oral e a história do senhor do antigo império do Mali, livro esse que é o objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade, por isso escolhi trabalhar com o livro de Niane, por contar a história de um herói diferente de todas as histórias dos heróis ocidentais apresentados na escola, por trazer um herói africano. É uma narrativa de caráter épico e a primeira obra que utiliza exclusivamente tradições orais. A apresentação do livro, pela editora, nos diz sem qualquer demagogia que “Por sua própria força, a obra impõe-se ao leitor, que é levado a ler de uma só vez a extraordinária história desse imperador do grande reino de savana...”

O livro de Niane traz de forma específica o conhecimento sobre a unificação do Mali, levando o aluno a reflexões importantes do comportamento humano, trazendo lições atemporais sobre moral, ética e respeito, valores tão importantes para os africanos, levando o aluno a refletir sobre o próprio comportamento, estimulando-o a buscar suas origens e sua própria história.

O romance é enriquecido com dados sobre a cultura da África relatando características sobre a vida de uma sociedade diferente da nossa, que é tão ocidentalizada, dos costumes da vida em comunidade que depende da solidariedade de todos.

Esse trabalho, bem planejado e desenvolvido, vai despertar o interesse dos estudantes por outras histórias africanas. Vai provocar inquietações sobre a história única contada e a

história por traz da história, avivando curiosidades sobre sua gente, sobre seu povo e aprendendo mais sobre si.

*“O sol caminha devagar, mas atravessa o mundo”.*

*Provérbio africano.*

### **3. PROJETO DE LEITURA**

1º. Apresentar informações básicas sobre o autor.

2º. Fazer uma apresentação previa da obra, necessário para a compreensão do trabalho a ser realizado, partindo de comentários sobre os aspectos que serão abordados, identificando as diferentes áreas do conhecimento que serão abordadas. (Como história, geografia, sociologia...).

3º. Fazer uma síntese dos aspectos didáticos da obra: gênero literário, palavras-chave, áreas envolvidas, tipo de narrador.

4º. Fazer a leitura, das partes selecionadas do livro, orientando pontos que podem auxiliar na construção dos sentidos do texto.

5º. Realizar atividades, em sala de aula, com reprodução oral e escrita, que ajudem no aprofundamento da compreensão da obra, sugerindo como atividade complementar, pesquisas relacionadas com o tema, de acordo com o andamento da leitura. (Ao ler sobre os griot, sugerir pesquisa sobre o assunto, onde vivem, em qual região da África. Em qual região da África se localiza o Mali. Acompanhar a história através do mapa, na última página desse material, que foi retirado do livro.).

6º. Mostrar imagens de Bamako, capital do Mali, com seus monumentos em homenagem a família de Sundjata.

7º. Debate sobre o tema estudado, observando o que foi absorvido, de que forma, trazendo para o grupo opiniões individualizadas.

8º. Sugestão de leitura completa do livro e de outros livros de autores africanos, como os da coleção da extinta Editora Ática.

#### 4. MATERIAL DIDÁTICO

## SUNDJATA OU A EPOPÉIA MANDINGA



O livro que vamos trabalhar *Sundjata, ou, A epopéia Mandinga*, é um romance escrito por *Djibril Tamsir Niane* e publicado em 1982. A obra conta a história de um Rei que se tornou Imperador de uma grande região no oeste do continente africano, o Mali.

Djibril Tamsir Niane é guineense, especialista em História do Mande, incluindo do Império Mali.

#### A palavra do Griot Mamadu Kuyatê

Sou griot. Meu nome é Djeli Mamadu Kuyatê, filho de Bintu Kuyatê e de Djeli Kuyatê, Mestre na arte de falar. Desde tempos **imemoriais** estão os Kuyatês a serviço dos príncipes Keita do Mandinga: somos os sacos de palavras, somos o repositório que conserva segredos multisseculares. A Arte da Palavra não apresenta qualquer segredo para nós; sem nós, os nomes dos reis cairiam no esquecimento; nós somos a memória do homem; através da palavra, damos vida aos fatos e façanhas dos reis perante as novas gerações.

Recebi minha ciência de meu pai Djeli Kedian, que a recebeu igualmente de seu pai; a História não tem mistério algum para nós; ensinamos ao **vulgo** tudo que aceitamos transmitir-lhe; somos nós que detemos as chaves das doze portas do Mandinga.

Conheço a lista de todos os soberanos que se sucederam no trono Mandinga. Sei como os homens negros se dividiam em **etnias**, porque meu pai me **legou** todo o seu saber; sei por que motivo um se chama Kamara; um outro, Keita; e um terceiro, Sidibê ou Traorê; todo nome tem um sentido, uma significação secreta.

Ensinei a reis a História de seus ancestrais, a fim de que a vida dos Antigos lhe servisse de exemplo, pois o mundo é velho, mas o futuro deriva do passado.

*Sundiata* é uma tradicional história do oeste da África, transmitida oralmente por gerações e gerações desde o século XIII. Existem cerca de trinta versões para essa lenda, que descreve a luta do príncipe Sundiata e do povo de Mali contra a opressão do poderoso Sumanguru, o rei de Sasso.

Informação retirada do site:  
<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11652>

Minha palavra é pura e **despojada** de qualquer mentira; é a palavra de meu pai; é a palavra do pai de meu pai. Eu vos transmitirei a palavra de meu pai tal como a recebi; os cronistas reais desconhecem a mentira. Quando surge uma **dissenção** entre etnias, somos nós que decidimos a questão, visto que somos os depositários dos juramentos que os antigos nos legaram.

Escutai minha palavra, vós que quereis saber; por minha boca aprendereis a História do Mandinga.

Pela minha palavra sabereis a História do Antepassado do grande Mandinga, a História daquele que, por suas proezas, ultrapassou Djul Kara Nani; aquele que, **provido** do Oriente, brilhou sobre todos os países do Ocidente.

Escutai a História do filho do Búfalo, do filho do Leão. Vou falar-vos de Maghan Sundjata, de Mari-Djata, de Sogolon Djata, de Narê Maghan Djata; o homem de nomes múltiplos, contra quem os sortilégios jamais tiveram qualquer validade.

Djibril Tansir Niane. *Sundjata ou a epopeia Mandinga*. São Paulo: Ática, 1982. p. 11-12.

### GLOSSÁRIO

**Djul Kara Naini:** Alexandre. o Grande.

**Imemoriais:** tão antigo que desapareceu da memória.

**Vulgo:** classe social mais baixa; povo.

**Etnias:** habitantes de uma região.

**Legou:** transmitiu.

**Despojada:** despida.

**Dissenção:** (no português do Brasil dissensão) desavença, divergência.

**Provido:** munido, cheio.

**Sortilégios:** Malefício de feiticeiro.

## COMPREENDENDO O TEXTO

1. Nessa primeira parte do romance, o texto é narrado em primeira pessoa. Quem narra o texto e como podemos caracterizá-lo?
2. Djeli Mamadu Kuyatê diz que é “Mestre na arte de falar” Explique o que você entendeu dessa expressão.
3. Por que ele considera a “Arte da Palavra” uma ciência? É possível produzir conhecimento científico através da tradição oral?

4. Hampatê Bâ, repente um provérbio africano que diz: *Quando morre um africano idoso é como se se queimasse uma biblioteca*. Qual relação esse provérbio estabelece com os griots?
5. Qual o objetivo de Djeli Mamadu Kuyatê ter ensinado a História dos seus ancestrais aos reis? Qual a importância para o um povo de conhecer seu passado?
6. O que você entende por *Minha palavra é pura e despojada de qualquer mentira (...)*
7. Como é repassada a história apreendida pelos djeli?
8. Qual a diferença entre a escrita e a oralidade?
9. É possível produzir conhecimento de forma sistematizada (ordenada) por meio da tradição oral?

### Griot

O **griot** ou **djeli** é o grande conhecedor das coisas. Conserva documentos “falados”, os costumes, as tradições e os princípios dos governos dos reis. Conserva a tradição

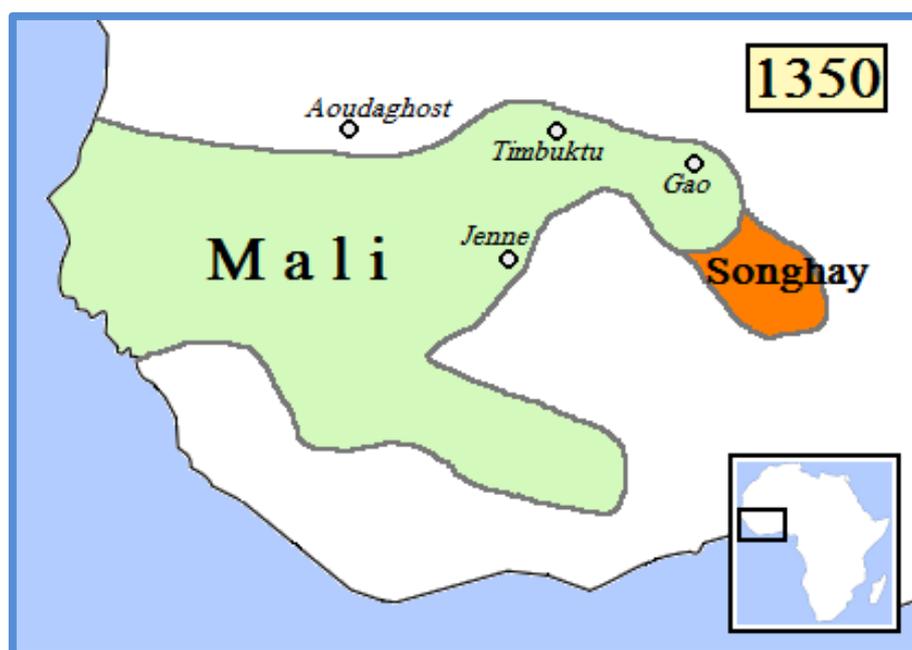


Imagem retirada do site: <https://faceaevento.com/2009/11/18/breve-sobre-historia-da-africa/>

### A mulher-búfalo

Maghan Kon Fatta, pai de Sundjata, era conhecido em todos os países por sua beleza, mas era também um bom rei, amado de todo o povo. Em sua capital, Nianiba, ele gostava de sentar-se frequentemente à sombra de uma paineira gigantesca que dominava seu palácio de Canco. Maghan Kon Fatta já reinava há muito tempo e seu filho mais velho, Dankaran Tuman, com dez anos de idade, vinha sentar-se sobre a pele de boi, junto a seu pai.

E aconteceu que num determinado dia em que o rei, como de seu hábito, estava instalado sob a grande árvore e cercado de seus familiares, viu dirigir-se a ele um homem com os trajes de caçador: trazia a calça justa dos favoritos de Kondolon Ni Sanê; sua blusa mostrava que era mestre na arte da Caça; toda a assistência se voltou para o desconhecido, cujo arco polido pelo uso brilhava ao sol. O homem avançou até diante do rei, que reconheceu em meio aos cortesãos. Inclinou-se e disse: “Eu te saúdo rei do Mandinga, eu vos saúdo, vós do Mandinga. Sou um caçador em busca de caça; venho do **Sangaran**; uma corça intrépida guiou-me até os muros de Nianiba. Graças à intercessão de meu Mestre, grande **Simbon**, minhas flechas a atingiram e ela jaz não longe de vossos muros. Como é de praxe, ó rei, vim trazer tua parte”. Assim falando, retirou um pernil de seu saco de couro; então Nhankuman Dua, o *griot* do rei, apoderou-se do pernil e disse: “Estrangeiro, quem quer que tu sejas, tu serás hóspede do rei, porque és respeitoso dos costumes; vem tomar teu lugar sobre a esteira, a nosso lado; o rei está contente, pois ele ama os homens corretos”. O rei aprovou essas palavras com um aceno de cabeça, no que foi seguido pelos cortesãos. O *griot* retomou a palavra, num tom mais familiar: “Tu, que vens do Sangaran, país dos favoritos de Kondolon Ni Sanê, tu que tiveste certamente um mestre cheio de Ciência, quererás tu nos abrir teu saco de saber, quererás tu intruir-nos com tua palavra, porque sem dúvida terás visitado muitos países?”

O rei, continuando calado, aprovou com a cabeça. Um dos cortesãos acrescentou:

- Os caçadores de Sangaran são os melhores adivinhos; se o Estrangeiro concordar, poderemos aprender muito com ele.

O estrangeiro veio sentar-se perto de Nhankuman Dua, que lhe ofereceu uma ponta da esteira. Disse:

- *Griot*, eu não sou desses caçadores cuja língua é mais hábil que os braços; não sou um contador de previsões do futuro; não gosto de abusar da credibilidade de pessoas simples; contudo, graças à ciência que meu mestre me ensinou, posso orgulhar-me de ser adivinho entre os adivinhos.

Retirou de seu **sassa** doze **cauris**, que ele jogou sob a esteira; o rei e todos os seus acompanhantes se haviam voltado para o Estrangeiro, que remexia com sua pesada mão as doze conchas reluzentes. Nhankuman Dua fez ver discretamente ao rei que o adivinho era canhoto. A mão esquerda era do mal, mas nas artes adivinhatórias diz-se que os canhotos são os melhores. O caçador murmurava baixinho palavra incompreensíveis, sua mão virava e revirava aos doze cauris, que tomavam posições diferentes, e que o levavam a meditar longamente. De súbito, ele levantou os olhos para o rei e disse:

[...]

“Tu reinaste sobre o reino que te legaram teus antepassados, não tens outras ambições mais que transmitir este reino intacto ou engradecido a teus descendentes; entretanto, o Belo Maghan, teu herdeiro, ainda não nasceu”.

“Vejo dois caçadores que se aproximam de tua aldeia; eles vêm de longe e uma mulher os acompanha. Oh, que mulher! Ela é feia, ela é horrorosa. Ela tem sobre as costas uma corcova que a

deforma; seus olhos arregalados parecem ter sido colocados sobre seu rosto; mas, mistério dos mistérios, esta mulher, ó rei, tu deves desposá-la, pois ela será a mãe daquele que tornará imortal para sempre o nome Mandinga; a criança será o sétimo astro, o Sétimo Conquistador da terra; será mais poderosa que Djulu Kara Naini. Mas, ó rei, para que o destino conduza essa mulher até ti, um sacrifício será necessário: tu imolarás um touro vermelho, pois o touro é poderoso. Quando seu sangue se embeber na terra, nada mais se oporá à chegada de tua mulher. É só; já disse o que tinha a dizer, mas tudo está entre as mãos do Todo-poderoso.”

O caçador recolheu seus cauris e os colocou no seu bernal.

- Não sou mais que um itinerante, ó rei do Mandinga; volto ao Sangaran. Adeus.

O caçador desapareceu, mas nem o rei Narê Maghan, nem seu griot Nhankuman Dua esqueceram as palavras proféticas [...].

#### GLOSSÁRIO

**Sangaran:** país tributário do Mandinga.

**Simbon:** Um grande caçador, mestre na arte de caçar.

**Sassa:** é o alforje do caçador.

**Cauris:** conchas.

### COMPREENDENDO O TEXTO

1. Você conhece o continente africano? Sabe quais países fazem parte do oeste da África?
2. É costume na África receber viajantes. Na história Nhankuman Dua, o *griot* do rei, pergunta ao estrangeiro se “[...] *quererás tu nos abrir teu sacco de saber, quererás tu intruir-nos com tua palavra, porque sem dúvida terás visitado muitos países?*” O que você entendeu desse diálogo?
3. Releia:  
 “Retirou de seu **sassa** doze **cauris**, que ele jogou sob a esteira; o rei e todos os seus acompanhantes se haviam voltado para o Estrangeiro, que remexia com sua pesada mão as doze conchas reluzentes.”  
 Você conhece ou já ouviu falar de alguma prática parecida com o jogo dos cauris?

## A infância

Deus tem seus mistérios, que ninguém pode **devassar**. Tu serás rei, e não poderás evitá-lo; tu serás infeliz, e não tem há nada que possas fazer para evita-lo. Cada homem encontra o seu caminho já traçado; ele nada pode fazer para alterá-lo.

O filho de Sogolon teve uma infância lenta e difícil: aos três anos ainda engatinhava, enquanto os seus companheiros de idade já andavam. Ele nada tinha da grande beleza de seu pai. Narê Maghan; possuía uma cabeça tão grande, que parecia incapaz de mantê-la erecta; tinha dois olhos enormes, que ele escancarava quando alguém entrava na moradia de sua mãe. Pouco falador, o menino real passava o dia todo sentando no meio da moradia; quando sua mãe saía, ele se arrastava de gatinhas para remexer nas cabaças, em busca de comida. Era muito comilão.

[...]

Aconteceu que um dia o rei Narê Maghan fez vir à sua presença Mari-Djata. Ele falou com o filho como se fala a um adulto: “Mari-Djata, sinto que me vou; dentro em pouco já não mais estarei dentre vós. Mas, antes que a morte me leve, vou fazer-te o presente que cada rei faz a seu sucessor. No Mandinga, cada príncipe tem seu *griot*: o pai de Dua foi o *griot* de meu pai; Dua é o meu *griot*; o filho de Dua, Balla Fassekê, aqui presente será o teu. Sede, a partir de hoje, amigos inseparáveis; por sua boca, tu aprenderás a história de teus antepassados, tu aprenderás a arte de governar o Mandinga de acordo com os princípios que nossos antepassados nos legaram. Cumpri meu tempo, cumpri meu dever; fiz tudo que um rei do Mandinga deve fazer: entrego-te um reino engrandecido, deixo-te aliados seguros e fiéis. Que o teu destino se realize, mas não esqueça jamais que Niani é a tua capital e que o Mandinga é o berço de teus antepassados”.

[...]

## COMPREENDENDO O TEXTO

1. Com que intenção o rei, Narê Maghan, apresenta ao seu filho, Sundjata, o griot Balla Fassekê, filho de Dua?
2. Quem tinha direito ao trono após a morte de Narê Maghan? Quem ele deixou como sucessor?
3. Qual seria o papel de Balla Fassekê junto a Sundjata?
4. O que o pai de Sunjata quis dizer com “o Mandinga é o berço e teus antepassados”?

## O despertar do Leão

O rei morreu pouco depois dessa entrevista com seu filho. O menino só tinha sete anos; o conselho dos anciãos reuniu-se no palácio do rei. Em vão, Dua tentou defender os termos do testamento do rei, que reservava o trono a Mari-Djata; o conselho não deu a menor importância aos desejos de Narê Maghan. No final das contas, as manobras e intrigas de Sassuma Beretê fizeram com que seu filho, Dankaran Tuman, fosse declarado rei. Formou-se um conselho de regência, em que a rainha era todo-poderosa. Pouco tempo depois, morreu Dua.

[...]

Sogolon Kedju e seus filhos viviam dos restos deixados pela rainha-mãe. Ela mantinha nos fundos da aldeia uma pequena horta, na parte plana; era lá que ela passava o seu tempo mais despreocupado, cuidando de suas cebolas e hortaliças. Certo dia, faltaram-lhe condimentos e ela foi pedir à rainha-mãe um pouco de folha de **baobá**.

[...]

- Toma - disse a malvada Sassuma - tenho a cabaça cheia; serve-te, pobre mulher. Meu filho, com sete anos, já andava e era ele quem ia colher para mim as folhas de baobá. Podes levar, pobre mãe, já que teu filho não vale tanto quanto o meu. Em seguida, pôs-se a zombar, com esse tom zombeteiro e feroz que atravessa a carne e penetra os ossos.

Sogolon Kedju sentiu-se aniquilada. Nunca poderia imaginar que o ódio pudesse ser tão forte num ser humano. Engolindo em seco, deixou a casa de Sassuma. De volta à casa, encontrou Mari-Djata, sentado sobre suas pernas impotentes, comendo tranquilamente numa cabaça. Sem poder conter-se mais, Sogolon **prorrompeu** em prantos, apanhou um pedaço de pau e bateu em seu filho.

- Ó filho da desgraça, tu não andarás nunca?! Por tua culpa acabo de sofrer a maior afronta de minha vida! Que fiz eu, meu Deus, para ser punida deste modo?

Mari-Djata sentiu a pancada e disse, olhando sua mãe:

- Mãe, que há?

- Cala-te, nada poderá jamais limpar-me dessa afronta.

- Mas, que foi?

- Sassuma acaba de humilhar-me por causa de umas folhas de baobá. Com sete anos, o filho dela já lhe trazia as folhas de baobá.

- Consola-te, mãe, consola-te!

- Não, já é demais, não posso mais.

- Pois bem, vou andar hoje - disse Mari-Djata. - Disse Mari-Djata. - Diz aos ferreiros de meu pai que me façam a vara de ferro mais pesada que puderem. Mãe, queres somente que eu te traga folhas de baobá, ou preferes que eu te traga o baobá inteiro?

- Ah, meu filho! Para lavar minha afronta quero o baobá e suas raízes, a meus pés, diante de minha casa.

Balla Fassekê, que estava presente, correu ao mestre das forjas, Farakuru, e encomendou-lhe uma vara de ferro.

[...]

Quando os ferreiros colocaram a barra diante da choupana, o ruído foi tão terrível que Sogolon, que estava deitada, se levantou num sobressalto. Então Balla Fassekê, filho de Nhankuman Dua, falou:

- Eis o grande dia, Mari-Djata. Eu te falo, Maghan, filho de Sogolon. As águas do Djoliba podem limpar a imundície do corpo, mas não podem lavar uma afronta. Ergue-te, jovem leão, ruge, para que a selva saiba que tem **doravante** um dono. [...]

### GLOSSÁRIO

**Devassar:** invadir.

**Baobá:** árvore de grandes dimensões.

**Prorrompeu:** manifestou-se repentinamente.

**Doravante:** daqui para o futuro.

## COMPREENDENDO O TEXTO

5. Por que Sologon vai pedir a rainha-mãe folhas de baobá?
6. Qual o motivo fez com que Sundjata finalmente andasse?

### O exílio

Sologon, contudo, era uma mãe prudente. Ela sabia perfeitamente tudo o que Sassuma poderia fazer para prejudicar sua família. Numa noite, depois que os filhos haviam jantado, ela os reuniu e disse a Sundjata:

- Partamos daqui, meu filho. Manding Bory e Djamaru são vulneráveis, pois não conhecem os segredos da noite; não são feiticeiros. Desesperada por não poder atingir-te, Sassuma dirigirá seus golpes contra teu irmão ou tua irmã. Partamos daqui. Voltarás mais tarde, quando fores grande, para reinar, já que é no Mandinga que te destino já de cumprir-se.

Esse era o partido da sabedoria. Mandiga Bory, o filho da terceira mulher de Narê Maghan, Namandjê, não possuía qualquer poder de feitiçaria. Sundjata amava-o muito. Desde a morte de Namandjê, o menino havia sido recolhido por Sologon. Sundjata encontrara em seu meio-irmão um

grande amigo. Não se escolhem os pais, mas é possível escolher os amigos. Manding Bory e Sundjata eram verdadeiros amigos, e foi para salvar seu irmão que Djata aceitou o exílio.

Balla Fassekê, o cronista de Djata, preparou minuciosamente a partida. Mas Sassuma Beretê vigiava Sogolon e sua família.

Numa certa manhã, o rei Dankaran Tuman reuniu o conselho, ao qual anunciou sua intenção de enviar uma embaixada ao poderoso rei de Sosso, de nome Sumaoro Kantê. Para missão tão delicada, havia ele pensado em Balla Fassekê, filho de Dua, que fora o griot real de seu pai. O conselho aprovou a decisão do rei, constituiu-se a embaixada e Balla Fassekê foi feito o seu chefe.

Era um modo muito hábil de roubar a Sundjata o griot que seu pai lhe via legado. Sundjata estava na caça e soube da notícia por Sogolon, ao regressar à noite [...].

Sassuma Beretê julgou-se vitoriosa, visto que Sogolon e seus filhos haviam abandonado o Mandinga! Seus pés trilharam a poeira dos caminhos. Eles sofreram as injúrias que só conhecem os que partem de sua pátria. Muitas portas se fecharam diante deles. Houve reis que os expulsaram de sua corte.

Mas tudo isso estava previsto no grande destino de Djata. Passaram-se sete anos; sete invernos se sucederam e o esquecimento penetrou no espírito dos homens; mas o tempo, indiferente a tudo, fez sua caminhada regular: as luas sucederam-se às luas, num mesmo céu; os rios continuaram em seu leito e fluxo interminável.

[...]

Passaram-se sete anos, e Sundjata cresceu. Seu corpo tornou-se vigoroso, os **revezes** deram sabedoria a seu espírito. Ele tornou-se um homem. Sogolon sentiu o peso da idade e da córcova aumentar sobre seus ombros, enquanto que Djata, tal como uma árvore nova, elevava-se para o céu.

\*\*\*

Saídos de Niani, Sogolon e seus filhos se haviam detido em Djedeba, junto ao rei **Mansa Konkon**, o grande feiticeiro. Djedeba era uma cidade sobre o rio Djoliba e ficava a dois dias de marcha de Niani. O rei os recebeu com alguma desconfiança. Mas, como em toda parte o estrangeiro tem direito à hospitalidade, Sogolon e seus filhos foram abrigados dentro da área reservada ao rei, e durante dois meses Sundjata e Manding Bory se juntaram às brincadeiras dos filhos do rei [...].

A verdade é que a rainha-mãe de Niani havia envidado ouro a Mansa Konkon para que ele **suprimitesse** Sundjata: “o ouro é de ontem” e Sundjata era anterior ao ouro, na corte do rei. De fato, a filha do rei havia revelado o segredo a Manding Bory.

[...]

De novo, Sogolon e seus filhos tomaram a estrada do exílio. Afastaram-se do rio e se dirigiram em direção ao oeste, pois iam pedir hospitalidade ao rei de Tabon, no país que se chama hoje **Futa Djallon**. Essa região era então habitada pelos Kamara ferreiros e pelos Djallonkês. Tabon era

uma cidade **inexpugnável**, como que **entricheirada** por trás das montanhas. O rei era há muito tempo aliado da corte de Niani, e seu filho Fran Kamara tinha sido um dos companheiros de Sundjata [...].

Os exilados retomaram as estradas, Tabon era muito distante de **Wagadu**. Os mercadores foram bons com Sologon e seus filhos; o rei havia oferecido as montarias. A caravana dirigia-se para o norte, deixando para a direita o país de **Kita**.

Wagadu era o país dos Sarakhlês; as pessoas aqui não falavam a língua do Mandinga, mas havia muita gente que a compreendia, porque os Sarakhlês viajam muito e são grandes comerciantes. Suas caravanas de asnos pesadamente carregados vinham em cada estação seca até Niani; eles se estabeleciam atrás da cidade e os habitantes saíam para fazer trocas.

[...]

Sologon refez-se rapidamente do cansaço e foi tratada como uma rainha na corte do rei Sumaba Cissê. Seus filhos foram vestidos à moda dos príncipes de Wagadu: Sundjata e Manding Bory receberam magníficas blusas longas bordadas. Eles eram cercados de tantos cuidados, que Manding Bory a ser sentir incomodado, embora Sundjata achasse perfeitamente natural que o tratassem assim. A modéstia é a herança do homem médio; os homens superiores não conhecem a humildade. Sundjata tornou-se mesmo exigente; e quanto mais exigente se tornava, mais os serviçais tremiam diante dele

[...].

Foi na corte de Mema que Sundjata e Manding Bory pegaram em armas pela primeira vez. **Mussa** Tunkara era um grande guerreiro, razão por que admirava a força. Quando Sundjata completou quinze anos, o rei o levou consigo em campanha. Sundjata surpreendeu todo o exército por sua força e seu entusiasmo na carga. Durante uma **escaramuça** contra os montanhesees, ele se lançou com tanta impetuosidade sobre o inimigo, que o rei teve receio por sua segurança, mas Mussa Tunkara admirava demasiado a bravura para poder conter o filho de Sologon. Ele o seguia de perto, para o proteger, e via com deleite o adolescente semear o pânico entre os inimigos. O rapaz tinha uma presença de espírito extraordinária, golpeando à direita e à esquerda, e abrindo diante de si um caminho glorioso. Quando o inimigo fugiu, os velhos **“sofas”** disseram: “Aí está alguém que dará um bom rei”. Mussa Tunkara tomou o filho de Sologon em seus braços e disse: “Foi o destino quem te enviou a Mema, farei de ti um grande guerreiro”.

[...]

Ao fim de três anos, o rei nomeou Sundjata Kan-Koro-Sigui, isto é, vice-rei. Na ausência do rei era ele quem comandava. Djata tinha agora dezoito invernações. Era um jovem corpulento, de pescoço largo e tórax poderoso. Ninguém conseguia esticar o seu arco. Todo mundo se inclinava diante dele, ele era amado. Os que não o amavam, o temiam; sua voz tornou-se autoritária.

A escolha do rei foi aprovada pelo exército e pelo povo, pois este ama tudo o que lhe é imposto. Os adivinhos de Mema revelaram o destino extraordinário de Djata. Foi dito que ele era o sucessor de Djulu Kara Naini e que seria maior ainda. Os soldados já tinham mil sonhos de conquistas.

O que não se consegue com um chefe tão bravo! Sundjata inspirava confiança aos sofas, dando-lhes exemplo, pois o sofa gosta de ver o chefe arriscar a vida.

Djata era agora um homem: o tempo caminhara desde a partida de Niani, e o destino tinha de cumprir-se afinal. Sologon sabia que a hora era chegada. Ela cumprira sua missão, havia nutrido o filho que o mundo esperava. Ela sabia que a própria missão estava cumprida, e que a de Djata iria começar. Um dia, ela disse ao filho:

- Não te iludas: teu destino não está aqui; teu destino está no Mandinga. Chegou o momento. Quanto a mim, concluí minha tarefa; é a tua que vai começar, meu filho, mas é necessário saber esperar, pois cada coisa tem seu tempo.

[...]

### GLOSSÁRIO

**Revezes:** (reveses) coisa ou acontecimento que contraria ou dificulta.

**Mansa:** Título real dado aos imperadores do Reino do Mali.

**Suprimisse:** fazer desaparecer.

**Futa Djallon:** montanhas na guiné.

**Inexpugnável:** invencível.

**Wagadu:** é o nome, em malinkê, do país do Velho Ghana, onde reinavam os príncipes Cissê-tunkara.

**Kita:** cidade-estado da região de *Fouladougou*, perto de *Bamako*, atual capital do Mali.

**Escaramuça:** luta, conflito, briga.

**Sofas** soldados, guerreiros.

### COMPREENDENDO O TEXTO

1. Com qual intenção Sassuma Beretê separou Balla Fassekê de Sundjata?
2. Sassuma Beretê julgou-se vitoriosa quando Sologon e sua família abandonaram o Mandiga. Você acredita que ela realmente foi vitoriosa? Justifique.
3. O que aconteceu em Djedeba para Sundjata e sua família seguirem para Futa Djallon?
4. Por quantos países Sologon e sua família passaram até conseguirem alcançar a paz?
5. O que aconteceu a Sundjata ao chegar em Mema?
6. Mesmo com sua família em paz do que Sologon faz Sundjata se lembrar?

## Sumaoro Kantê, o rei feiticeiro

Enquanto o filho de Sologon se iniciava na arte do combate longe de seu país natal, o Mandinga havia caído sob a dominação de um novo senhor, Sumaoro Kantê, o rei de **Sosso**.

Quando a embaixada enviada por Dankaran Tuman chegou a Sosso, o rei Sumaoro exigiu que o Mandinga se reconhecesse como tributário de Sosso. Bala Fassekê encontrou na corte de Sumaoro os delegados de vários outros reinos. Graças à sua poderosa tropa de soldados ferreiros, o rei de Sosso se impusera rapidamente a todo o mundo: após a derrota do Wagadu e do Diaghan ninguém mais ousou opor-se a ele. Sumaoro descendia da linhagem de ferreiros Diarisso, que haviam dominado o fogo e ensinado aos homens a arte de trabalhar o ferro, embora Sosso se houvesse mantido desde tempos imemoriais como uma aldeia minúscula, sem qualquer expressão. [...]

Sumaoro deixou regressar o resto da embaixada, mas reteve junto a si Balla Fassekê; ameaçou destruir Niani, se Dankaran Tuman não se submetesse a ele. Apavorado, o filho de Sassuma não só se submeteu rapidamente, como enviou ao rei de Sosso sua irmã Nana Triban.

[...]

E foi desse modo que Balla Fassekê, que havia sido dado pelo rei Narê Maghan a seu filho Sundjata, e que havia sido arrebatado a este último por Dankaran Tuman, acabava agora de ser subtraído pelo rei de Sosso, Sumaoro Kantê, ao filho de Sassuma Beretê. Com isso, tornava-se inevitável a guerra entre Sundjata e Sumaoro.

### COMPREENDENDO O TEXTO

1. Por que Sumaoro reteve junto a si Balla Fassekê?
2. O que delegados de outros reinos estavam fazendo junto a Sumaoro?
3. Por que a guerra em Sundjata e Sumaoro era inevitável?

#### Feiticeiro

A ideia de feitiçaria é apresentada comumente com uma expressão ou forma de sobrevivência do comportamento dos povos chamados primitivos. [...] chega-se à conclusão de que o fenômeno da feitiçaria na África resulta de uma mutação típica decorrente das rupturas internas e externas que essa sociedade sofreu, primeiro frente à islamização e depois com o colonialismo e a ocidentalização. Assim a figura do curandeiro e do adivinho vai perdendo com o

## História

No momento em que Sundjata se preparava para reivindicar o reino de seus pais, Sumaoro era o rei dos reis, o rei mais poderoso dos países do sol poente. Sosso, a cidade fortificada, era o **bastião** dos **fetiches** contra a palavra de **Alá**; durante muito tempo, Sumaoro desafiou o mundo inteiro. Desde que assumira o trono de Sosso, Sumaoro liquidara nove reis, cujas cabeças lhe serviam de fetiches, na sua sala macabra; as peles desses reis lhe serviam de tapete; ele mandou fazer para si calçados de pele humana. Sumaoro não era um homem como os outros: os **gênios** se haviam revelado a ele e seu poder era **incomensurável**. Seus soldados os sofas, eram muito valorosos porque supunham seu rei invencível.

Entretanto, Sumaoro era um gênio do mal: seu poder só tinha servido para fazer derramar sangue; diante dele nada havia de sagrado ou intocável: seu maior prazer consistia em fazer açoiar publicamente os anciãos respeitáveis; havia **conspurado** todas as famílias; em seu vasto império, havia por toda parte aldeias povoadas por mulheres que ele havia arrancado à força, de suas famílias, sem casamento.

[...]

É em meio a tais calamidades que o homem se interroga sobre seu destino. Após a fuga de Dankaran Tuman, Sumaoro proclamou-se rei do Mandinga, exercendo o direito de conquista. Mas não foi reconhecido como tal pelas populações, que organizaram a resistência na floresta. Consultados sobre a sorte do país, os adivinhos foram unânimes em dizer que somente o herdeiro legítimo do trono é que salvaria o Mandinga; e esse herdeiro era o “homem com dois nomes”. Os anciãos da corte de Niani lembraram-se então do filho de Sologon, já que o homem com dois nomes não passava de Maghan-Sundjata.

### GLOSSÁRIO

**Sosso:** grupo mandinga que vive nas montanhas de Konhkore, perto de Bamako, a atual capital do Mali.

**Bastião:** espécie de fortim construído onde as muralhas formam ângulo

**Fetiches:** Objeto a que é prestada adoração ou que é considerado como tendo poderes sobrenaturais.

**Alá:** designação de Deus na religião muçulmana.

**Gênios:** a força vital de um antepassado.

**Incomensurável:** que não pode ser medido.

**Conspurado:** ultrajar com insulto aviltante.

## COMPREENENDO O TEXTO

1. Que tipo de rei era Sumaoro?
2. Por um tempo, o povo esqueceu-se de Sundjata. O que aconteceu para que ele voltasse a lembrança o filho de Sologon?

### As folhas de baobá

Em Mema, Sundjata veio a saber que Sumaoro havia invadido o Mandinga e que seu irmão, Dankaran Tuman, fugira. Soube também que Fakoli enfrentava o rei de Sosso. Naquele ano, o reino de Mesma estava em completa paz e o Kan-Koro-Sigui do rei tinha bastante tempo para dedicar-se a seus lazeres: ia à caça, como sempre. Contudo, desde que haviam chegado as notícias sobre o Mandinga, Sundjata se havia tornado sombrio. Sologon, já envelhecida, estava doente. Manding Bory estava com quinze anos; era agora um adolescente cheio de vida como seu irmão e amigo Sundjata. As irmãs de Djata haviam crescido e Kolonkan á era uma moça com idade de casar-se. Agora, com a enfermidade de Sogolon, era ela quem cozinhava. Por isso, ia frequentemente ao mercado, com suas empregadas.

Num certo dia em que ela estava no mercado, reparou numa mulher que vendia dois condimentos ignorados pelas pessoas de Mema; estes, por sua vez, olhavam espantados para a mulher que os oferecia. Kolonkan aproximou-se e reconheceu as folhas de baobá, bem como muitos outros legumes que sua mãe cultivava na horta em Niani.

[...]

Logo depois Kolonkan apareceu, seguida de quatro homens e uma mulher. Sologon reconheceu imediatamente aqueles membros respeitáveis da corte de seu marido. Começaram as saudações, que foram trocadas com todo o refinamento exigido pela cortesia do Mandinga. Por fim, Sologon disse:

- Aqui estão meus filhos, que cresceram longe do país natal. Agora, falem-nos do Mandinga.

Os viajantes consultaram-se rapidamente com os olhos, após o que Mandjan Beretê, irmão de Sassuma, tomou a palavra nos seguintes termos: “Dou graças a Deus Todo Poderoso porque nos encontramos diante de Sogolon e seus filhos. Dou graças a Deus porque nossa viagem não foi em vão. Há dois meses que saímos do Mandinga; íamos de cidade real em cidade real, apresentando-nos como mercadores. Nos mercados, Manhuma oferecia legumes cultivados no Mandinga. Nestes países do leste as pessoas desconhecem esses legumes, mas em Mesma nosso plano deu bons resultados: a pessoa que comprou nhunhu pôde informar-nos sobre a vossa sorte e essa pessoa, para cúmulo da sorte, era nada menos que Sogolon-Kolonkan”.

“Traga-vos notícias bem tristes, infelizmente!, esta é a minha missão. Sumaoro Kantê, o poderoso rei de Sosso, lançou a morte e a desolação sobre o Mandinga. O rei Dankaran Tuman refugiou-se e o Mandinga está sem senhor. Contudo, a guerra não terminou; os homens corajosos se encontram na floresta e impõem uma guerra incansável ao inimigo. Fakoli Koroma, sobrinho do rei de Sosso, chefia um combate sem trégua a seu tio **incestuoso**, que lhe roubou a mulher. Interrogamos os gênios e eles nos responderam que somente o filho de Sogolon, poderia libertar o Mandinga. E o Mandinga está salvo, porque te encontramos, Sundjata.

“Maghan Sundjata, eu te saúdo, rei do Mandinga; o trono de teus pais te espera. Seja qual for o cargo que ocupas aqui, abandona todas essas honras e vem libertar tua pátria; os bravos te esperam, vem restaurar a autoridade legal no Mandinga. As mães em lágrimas só pronunciam suas preces invocando o teu nome; os reis unidos te esperam, pois somente o teu nome lhes inspira confiança. Filho de Sologon, tua hora é chegada; as palavras do velho Nhankuman Dua vão enfim realizar-se, pois tu és o gigante que abaterá o gigante Sumaoro”.

Após essas palavras, reinou um silêncio profundo no quarto de Sogolon; esta, com os olhos baixos, permanecia calada; Kolonkan e Manding Bory matinham os olhos fixos em Sundjata.

- Está bem! - disse este último. - Não há mais tempo para palavras. Pedirei ao rei autorização para partir, e voltaremos logo. Manding Bory, trata dos enviados do Mandinga. O rei estará de volta esta noite, e amanhã já estaremos a caminho.

Sundjata levantou-se e todos os enviados se ergueram. Djata saiu. Ele já era rei.

[...]

## COMPREENDENDO O TEXTO

1. Por que Sundjata, após saber notícias de sua terra natal, se tornou sombrio?
2. O que disseram os mensageiros para que Sundjata concordasse rapidamente em voltar ao Mandinga?

### Nana Triban e Balla Fassekê

[...]

Sogolon-Djata fizera minuciosamente seus preparativos em Sibi: contava ele agora com número suficiente de Sofas para enfrentar Sumaoro numa planície descoberta. Contudo, não se tratava de ter muitos guerreiros; para vencer Sumaoro era necessário destruir inicialmente seus poderes mágicos. Estando em Sibi, Sundjata resolveu consultar os adivinhos, pois lá se encontravam os mais célebres do Mandinga.

A conselho destes, Djata deveria **imolar** cem touros brancos, cem carneiros brancos e cem galos brancos. Foi durante essa **hecatombe** que vieram anunciar a Sundjata que sua irmã Nana Triban e Balla Fassekê haviam chegado, depois de fugir de Sosso. Ao ouvir isso, Sundjata disse a Tabon Wana: “Se minha irmã e Balla conseguiram escapar de Sosso, Sumaoro perdeu a batalha”.

Deixando o local dos sacrifícios, Sundjata voltou a Sibi e reencontrou sua irmã e o seu *griot*:

- Salve, irmão – disse Nana Triban.

- Salve, minha irmã.

- Salve, Sundjata – Disse Balla Fassekê.

- Salve, meu *griot*.

Depois de numerosas saudações, Sundjata pediu aos fugitivos que contassem como haviam podido enganar a vigilância de um rei como Sumaoro. [...]

- Quando deixaste o Mandinga, meu irmão me mandou obrigada para Sosso, para ser a mulher de Sumaoro, de quem ele tinha grande pavor. Chorei muito nos primeiros dias, mas depois me resignei, ao compreender que talvez nem tudo estava perdido. Tornei-me amável para com Sumaoro e passei a ser a eleita, dentre suas numerosas mulheres. Tinha meu próprio quarto na grande torre onde ele morava. Sabia lisonjeá-lo e torna-lo ciumento. Dentro em pouco, tornei-me sua confidente, fingi ter ódio de ti, simulei compartilhar da aversão de minha mãe por ti. [...] Enquanto isso, me mantinha em contacto com Balla Fassekê, cada um de nós querendo penetrar o mistério dos poderes mágicos de Sumaoro. Certa noite, ataquei fundo e disse a Sumaoro: “Diz-me, tu que os demais reis nomeiam trêmulos de medo, diz-me, Sumaoro, és um homem como todos os outros? És tão poderoso quanto os gênios que protegem os humanos? Ninguém consegue encarar o brilho dos teus olhos; teu braço tem a força de dez braços. Diz-me ó rei, rei dos reis, diz-me qual é o gênio que te protege, a fim de que eu também possa adorá-lo”. Tais palavras encheram-no de orgulho e ele próprio se gabou do poder de seu gênio protetor, “Tana”. Naquela mesma noite ele me levou a seu aposento mágico e me explicou tudo o que ali havia.

[...]

Sundjata sentia-se imensamente feliz de reencontrar sua irmã e seu *griot*. De agora em diante, tinha ele o *griot* que, por sua palavra, deveria perpetuar sua memória real. De fato, não haveria heróis, se as ações estivessem condenadas ao esquecimento dos homens, pois agimos a fim de provocar a admiração dos que vivem, e despertar a veneração dos que devem vir ainda.

Djata foi informado de que Sumaoro avançava ao longo do rio, para barrar seu acesso à estrada que conduz ao Mandinga. Os preparativos já estavam feitos, mas Sundjata preferiu, antes de deixar Sibi, organizar um grande **tantam** no acampamento, a fim de que Balla Fassekê, graças à sua palavra eloquente, **robustecesse** a coragem dos Sofas. No centro do grande círculo formado pelos Sofas, Balla Fassekê exaltava os heróis do Mandinga.

### GLOSSÁRIO

**Incestuoso (incesto):** união ilícita entre parentes próximos.

**Imolar:** oferecer em sacrifício, matando. Sacrificar.

**Hecatombe:** grande carnificina. Massacre.

**Tantam:** tambor

**Robustecesse:** tornar robusto, fortalecer.

## COMPREENDENDO O TEXTO

1. Após fazer os sacrifícios, Djata encontra sua irmã e seu griot. Você acredita que os sacrifícios contribuíram para a fuga dos dois?
2. Você conhece alguma outra forma de sacrifícios que ajudam as pessoas em suas dificuldades?
3. As descobertas de Nana Triban e Balla Fassekê podem ajudar Sundjata em sua guerra contra Sumaoro?

### Krina

Sundjata veio estabelecer seu acampamento em Dayala, no vale do Djoliba. Agora, era ele quem cortava a estrada do sul a Sumaoro Kantê. Até então, Sundjata e Sumaoro se haviam combatido sem qualquer declaração de guerra. Ora, não se faz guerra sem dizer os motivos por que se luta. Os que combatem devem previamente fazer uma declaração de suas queixas. Do mesmo modo que um feiticeiro não deve atacar alguém sem antes havê-lo incriminado de uma ação, um rei não deve bater-se sem dizer por que ele tomou armas.

Sumaoro avançou até Krina, perto da aldeia de Dayala sobre o rio Djoliba, e decidiu afirmar seus direitos antes de engajar-se em combate.

Sumaoro sabia que Sundjata também era um feiticeiro: ao invés de enviar uma embaixada, confiou suas palavras a um de seus corvos. A ave da noite veio pousar sobre o teto da tenda de Sundjata e falou-lhe. O filho de Sogolon, por sua vez, enviou seu corvo a Sumaoro. Eis o diálogo havido ente os reis feiticeiros:

- Pára, jovem. De agora em diante, sou eu o rei do Mandinga. Se tu queres paz, volta para o lugar donde vieste. - Assim falou Sumaoro.

- Estou de volta, Sumaoro, para retomar meu reino. Se queres paz, indeniza meus aliados e volta para Sosso, onde és rei.

- Sou o rei de Mandinga pela força das armas; meus direitos foram estabelecidos pela conquista.

- Então, vou tomar-te o Mandinga pela força das armas; vou expulsar-te o meu reino.

- Fica sabendo que eu sou o inhame selvagem dos rochedos; nada me fará sair do Mandinga.

- Pois aprende então que tenho no meu campo sete mestres-ferreiros que arrasarão os rochedos; em seguida, inhame, eu te comerei.

- Sou um cogumelo venenoso que faz o **intrépido** vomitar.

- Pois eu sou o galo esfomeado; o veneno nada me fará.

- Tem juízo, menino; queimarás teu pé, porque sou a cinza ardente.

- E eu sou a chuva que apaga a cinza; sou a correnteza **impetuosa** que te carregará.

- Eu sou a árvore gigantesca e poderosa que paira **altaneira** acima das outras árvores.

- Pois eu sou o cipó sufocante que sobe até o cimo do gigante das florestas.

- Basta de discussão! Não terás o Mandinga.

- Fica sabendo que não pode haver lugar para dois reis sobre uma mesma pele; Sumaoro, tu me darás o lugar.

- Pois bem, já que tu queres a guerra, eu te combaterei. Em todo caso, fica sabendo que já matei nove reis, cujas cabeças ornamentam meu quarto. Pior para ti, tua cabeça ficará ao lado daquelas dos **temerários** como tu.

[...]

O sol se havia levantado do outro lado do rio e já iluminava toda a planície. Os soldados de Sundjata estavam dispostos através da planície, desde o rio; contudo, as tropas de Sumaoro eram tão numerosas, que muitos Sofas haviam ficado com Krina e se postavam sobre as muralhas da cidade, para ver a batalha. Via-se ao longe Sumaoro, com seu alto capacete de guerra. As alas de seu exército imenso estendiam-se desde o rio, por um lado, até as colinas, pelo outro. Como acontecera em Negueboria, Sundjata não ostentou todas as suas forças: os arqueiros de Wagadu e os Djallonkês se mantinham por trás, prontos para manobrar pela esquerda, à medida que o combate se generalizasse. Fakoli Koroma e Kamandjan estavam na primeira linha, com Sundjata e sua cavalaria.

Sundjata, com sua voz poderosa, gritou: “**An nhewa!**” A ordem foi repetida de etnia em etnia, e o exército se pôs em marcha. Sumaoro mantinha-se à direita, com sua cavalaria.

Djata e sua cavalaria foram á carga, com todo entusiasmo, mas foram contidas pelos cavaleiros de Diaghan, e um combate de morte se iniciou. Tabon Wana e os arqueiros de Wagadu se espalharam pelas colinas e a batalha tomou conta de toda a planície, enquanto subia ao céu um sol implacável. Os cavalos de Mesma, que são dotados de uma agilidade extraordinária, lançavam-se impetuosamente. [...].

Com os olhos incendiados de cólera, Sundjata conduziu sua cavalaria pela esquerda, **bordejando** as colinas, onde Fakoli suportava valentemente os ataques de seu tio. Mas por toda parte onde passava o filho do búfalo, a morte se **comprazia**. Por um momento, a presença de Sundjata restabeleceu o equilíbrio; os Sofas de Sosso, porém, eram por demais numerosos. O filho de Sogolon buscava Sumaoro; percebeu-o em meio à confusão da batalha. Sundjata lançava seus golpes à esquerda e à direita; os Sossos se afastavam à sua passagem. O rei de Sosso, que não queria deixar-se aproximar por ele, recuou para trás de seus homens, mas Sundjata, que o seguia com os olhos, parou e retesou seu arco. A flecha partiu, tocou sobre as costas de Sumaoro; o esporão de galo apenas o arranhou, mas o efeito foi imediato e Sumaoro sentiu que suas forças o abandonavam; seu olhar cruzou com o de Sundjata. Tremendo agora como um homem atacado de febre, o vencido ergueu os olhos para o sol e viu passar sobre a confusão de soldados um grande pássaro negro. Ele compreendeu: era a ave da infelicidade.

- O pássaro de Krina - murmurou ele.

O rei de Sosso deu um grande grito e, voltejando as rédeas, fugiu. Os Sossos acompanharam o rei na fuga. A confusão era completa: a morte dominava sobre a grande planície e o sangue escorria de mil ferimentos [...].

O sol acabara de desaparecer no horizonte. Por duas vezes, o rei de Sosso conseguiu escapar a Djata. Chegado ao topo da montanha de Kulikoro, Sumaoro desceu a vertente, sempre seguido por Djata. À direita, viu escancarada a gruta de Kulikoro: sem hesitação, penetrou na gruta negra. Sundjata deteve-se diante dela. Nesse momento, chegou Fakoli, que acabava de amarrar as mãos de seu primo, Sosso-Balla.

[...]

Com Sundjata, a paz e a felicidade entraram em Niani. Amorosamente, o filho de Sogolon fez reconstruir sua cidade natal; restaurou ao estado antigo o recinto fortificado de seu pai, onde ele havia crescido. De todas as aldeias do Mandinga vinham pessoas instalar-se em Niani. Foi preciso destruir os muros para aumentar a cidade; construíram-se novos quarteirões para cada povo do exército imenso.

Sundjata deixara seu irmão Mandinga Bory em Bagadu-Djeliba, sobre o rio: ele era o Kankoro Signi de Sundjata, isto é, o Vice-Mansa. Manding Bory supervisionava todos os países conquistados. Quando terminou a reconstrução da capital, ele foi guerrear no sul, para afugentar os povos da floresta. Recebeu uma embaixada do país de Sangaran, em que algumas tribos de Kondê se

#### A morte de Suumaoro

São numerosas as versões sobre o fim do rei de Sosso. A do Dioma (Sul de Siguiri) diz que Sumaoro, perseguido por Sundjata, invocou pela última vez seus gênios protetores, pedindo-lhes que não o deixassem cair nas mãos de Sundjata: foi por isso transformado em pedra sobre o monte de Kulikoro. (N.A.)

haviam instalado. Embora elas não estivessem representadas em Kurukan Fugan, Sundjata concedeu-lhes sua aliança, e elas foram colocadas em pé de igualdade com os Kondês, do país de Do.

Ao fim de um ano, Sundjata reuniu uma nova assembleia em Niani, mas agora tratava-se da assembleia dos notáveis do reino e dos reis do império. Os reis e os notáveis de todos os povos se reuniram em Niani: os reis falaram de sua administração, os notáveis falaram dos reis, Fakoli, sobrinho de Sumaoro, havendo-se revelado independente demais, teve de fugir para evitar a cólera do Mansa. Suas terras foram confiscadas e os impostos de Sosso foram entregues diretamente para os celeiros de Niani. Desse modo, a cada ano, Sundjata reunia em seu redor os reis e os notáveis; com isso, a justiça reinava por toda parte, visto que os reis tinham medo de serem denunciados em Niani.

A justiça de Sundjata não poupava quem quer que fosse: ele seguia a palavra de Deus rigorosamente; protegia o fraco contra o forte; as pessoas consumiam vários dias de marcha para vir pedir-lhe justiça. Sob seu sol, o justo foi recompensado, o perverso foi punido.

[...]

#### GLOSSÁRIO

**Intrépido:** que não tem medo.

**Impetuosa:** que se lança com violência.

**Altaneira:** arrogante, imperiosa.

**Temerários:** imprudentes.

**An nhewa!:** Avante!

**Bordejando:** Estar ou andar ao lado, à borda de. Ladear.

**Comprazia:** agradava a alguém.

### COMPREENDENDO O TEXTO

1. Descreva a diferença no comportamento de Sundjata e de Sumaoro na forma como tratavam o povo.
2. Descreva como o povo tratava Sumaoro e como tratavam Sundjata.
3. Qual importância teve a irmã, Nana Triban, e o griot, Balla Fassekê, na vitória de Sundjata?

## O Mandinga eterno

Quantas ruínas amontoadas, quantas grandezas sepultadas. Mas os fatos de que falei se passaram há muito tempo e tudo isso teve como teatro a ação o Mandinga. Reis sucederam-se aos reis, e o Mandinga conservou-se sempre o mesmo.

O Mandinga guarda zelosamente os seus segredos. Há coisas que os profanos ignorarão para sempre, porque os griots, seus depositários, não as entregarão jamais: Maghan Sundjata, último conquistador da terra, repousa não longe de Niani-Niani, em Balandugu, a cidade da barragem.

Depois dele, muitos reis, muitos Mansas reinaram no Mandinga; outras cidades nasceram e desapareceram. Hidji Mansa Mussa, de memória ilustre, amado de Deus, construiu em Meca várias Casas para os peregrinos do Mandinga, mas as cidades que ele fundou já desapareceram todas: Karanina, Djedjefê, Burun-Kuna, nada mais resta dessas cidades. Outros reis alargaram o Mandinga além das fronteiras de Djata, como Mansa Samanka, Fadima, Mussa, mas nenhum deles aproximou-se de Djata.

Maghan Sundjata foi único. Em seu tempo, ninguém o igualou. Depois dele, ninguém teve a ambição de ultrapassá-lo. Ele marcou sempre o Mandinga, seus “**Dio**” ainda guiam os homens em sua conduta.

O Mandinga é eterno.

Para convencer-te do que eu disse, vai ao Mandinga: lá encontrarás em Tigan a floresta tão cara a Sundjata; lá verás o peitoral de ferro que protegia Fakoli Koroma; vai a Kirikoronni, perto de Niassola, e lá verás uma árvore que perpetua a passagem de Sundjata por aqueles lugares. Vai a Bankuma, sobre o rio Djoliba, e tu verás o balafon de Sumaoro; o balafon chamado Bala-nhintiri; vai a Ka-ba, verás a clareira de Kurukan Fugan, onde se realizou a grande assembléia que deu uma constituição ao império de Sundjata; vai a Kirina, perto de Ka-ba, lá verás o pássaro que anunciou o fim de Sumaoro; encontrarás em Keyla, perto de Ka-ba, os tambores reais de Djolofin Mansa, rei do Senegal, que Djata derrotou. Contudo, ó infeliz, não experimentes penetrar o mistério que o Mandiga te esconde; não vás perturbar os espíritos no seu repouso eterno; não vás de modo algum às cidades mortas interrogar o passado, porque os espíritos não perdoam jamais; não tentes conhecer o que não é para conhecer.

### A morte de Sundjata

Neste ponto, *Djeli Mamadu Kuyatê* não quis ir adiante. Entretanto, correm várias narrativas sobre o fim de *Sundjata*. Delafosse relaciona duas versões: a primeira diz que Sundjata foi morto por uma flecha durante uma manifestação pública em Niani. A segunda, muito popular em Mandinga, tornou-se verossímil pela presença do túmulo de Djata perto de

Homens de hoje, como sois pequenos ao lado de vossos antepassados, e pequenos pelo espírito, porque tendes dificuldade em apreender o sentido de minhas palavras. Sundjata repousa perto de Niani-Niani, mas seu espírito vive sempre; e os Keitas, ainda hoje, vêm inclinar-se diante da pedra sob a qual repousa o pai do Mandinga.

\*\*\*

Para adquirir minha ciência, tive de percorrer todo o Mandinga. Em Kita, vi a montanha no interior da qual dorme o lago de água abençoada; em Segu, aprendi a história dos reis de Do e de Kri; em Fadama, na Hamana, ouvi os cantadores contar como os Keitas, os Kondês e os Kamaras fizeram a conquista de Wurula. Em Keyla, aldeia dos grandes mestres, aprendi as origens do Mandinga; foi lá que aprendi a arte da palavra. Por todas essas partes, pude ver e compreender o que meus mestres me ensinavam. Com minha mão entre as deles, fiz meu juramento de ensinar o que deve ser ensinado, e de calar o que deve ser calado.

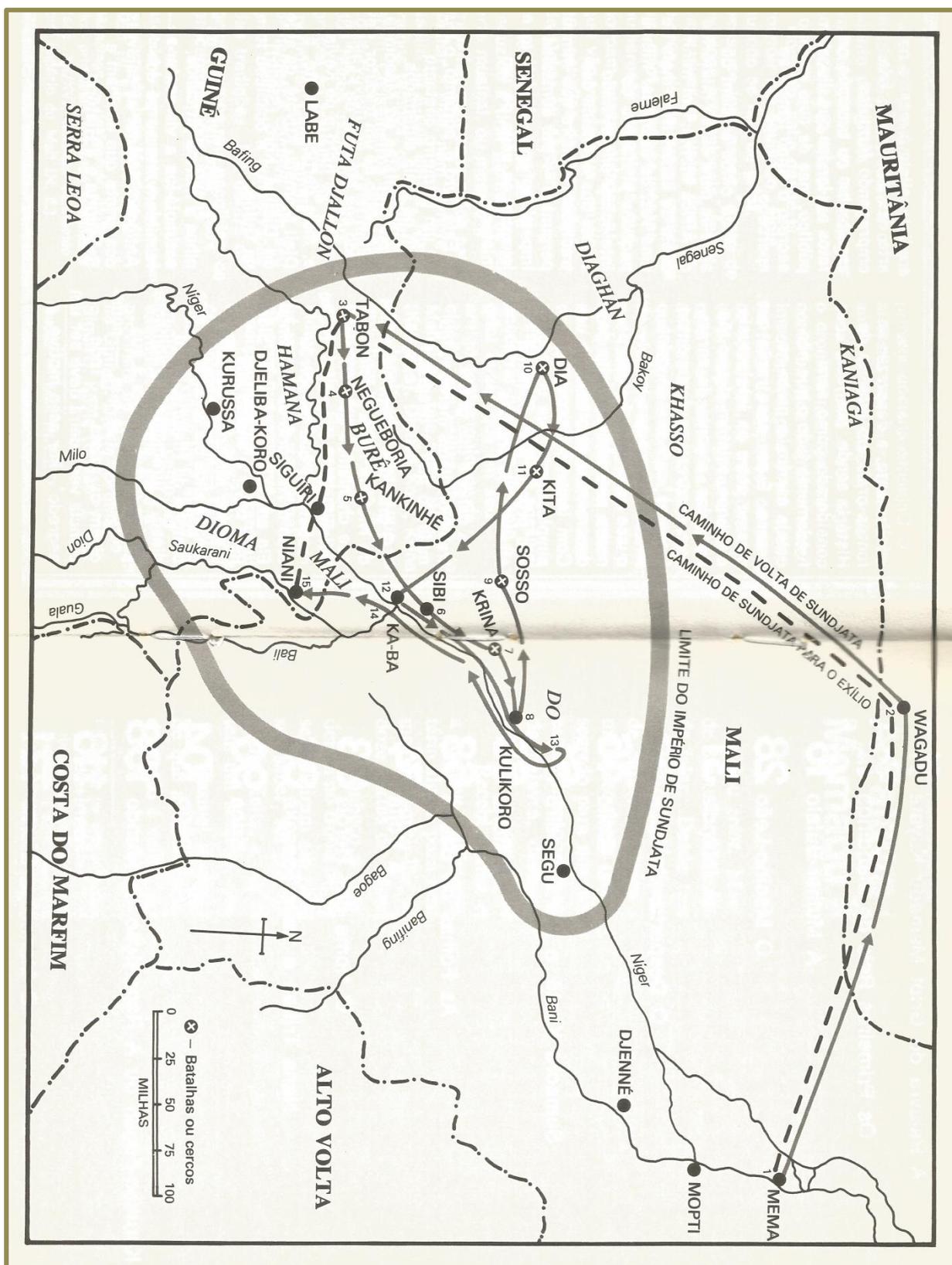
#### GLOSSÁRIO

**Dio:** é uma interdição proferida por um antepassado que os descendentes devem respeitar; o termo também designa os fetiches.

### COMPREENDENDO O TEXTO

1. Você conhece outras histórias sobre heróis africanos? E outras epopeias?
2. Escreva sobre o que você já sabia do continente africano, que aprendeu na escola ou viu na TV, e o que aprendeu após a história que acabamos de ler. O que mais chamou sua atenção? Qual imagem você tinha da África antes do romance e qual imagem você passou a ter depois?

MAPA DO CAMINHO DE SUNDJATA PARA O EXILÍO  
E O CAMINHO DE VOLTA PARA MANDEM



Mapa retirado do livro: Sundjata ou a epopeia Mandinga, de Dbril Tamsir Niane.



## MAPA POLÍTICO DO CONTINENTE AFRICANO



Imagem retirada do site: <https://misoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012/>

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADNANE, Mahfouz Ag. Resistência cultural Kel Tamacheque no pós-colonial no Mali e no Níger: o movimento Ichúmar. In: Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013, Natal. **Anais eletrônico**. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799\\_ARQUIVO\\_ANPUH-Natal2013\\_texto\\_MahfouzAgAdnane.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799_ARQUIVO_ANPUH-Natal2013_texto_MahfouzAgAdnane.pdf). Acesso em: 22 jul. 2016.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai; a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ANTONACCI, Maria Antonieta. História e pedagogia e “Lógica oral”. **Projeto História**. São Paulo, SP, n 56, p 281-313, maio /ago. 2016.

BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010. p.167-212

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. In: Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, n 1, 2008.

BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. **Senegâmbia: O desafio da História Regional**. Amsterdam/Rio de Janeiro: SEPHIS/CEAA, 2000, p. 5-34.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 3 out. 2015.

———. Ministério da Educação/Secad. 2004 **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 6 dez. de 2015.

COPPENS, Y. A hominização: problemas gerais – Parte I. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Vol. I Unesco, 2010. p.447-470.

DIARRA, S. Geografia Histórica: aspectos físicos. In: Ki-Zerbo, Joseph **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 345-366.

FANON, Frantz. **Pele negra. Máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 317-336.

HOMENAGEM ao ator Sotigui Kouyatê. **Entrevista com Toumani Kouyatê**. TV Brasil: Arte do Artista. 26'28''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UnyXNggofdE&t=38s>>. Acesso em 15 nov. 2016.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 25 dez. 2016.

KABENGELE, Munanga, organizador. **Superando o Racismo na escola**. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

KI-ZERBO, Joseph & HAMA, Boubou. O lugar da História na sociedade africana. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 23-36.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô: memórias sobre contadores de histórias africanos**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

LIMA, Mônica. História da África .In: **Cadernos PENESB: Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**, Niterói, n 12, p. 23–68, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/LIVRO%20PENESB%2012.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil. **Cadernos PENESB**, n.04, 2004.

PEREIRA, José Maria Nunes. África um novo olhar. In: **Cadernos CEAP**. Rio de Janeiro, 2006.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida. Historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazes, 1995.

NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden, em **História Geral da África IV**. África do século XII ao XVI. Organizado por Djibril Tamsir Niane. 2ª ed., São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 2010, p. 133-192.

NKAMA, Ofogo Boniface. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo Cortez, 2012, p.247-267.

\_\_\_\_\_ **Sundjata ou a epopeia mandinga**. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção de autores africanos, 15).

PEREIRA, Junia Sales. Diálogos sobre o Exercício da Docência recepção das leis 10.639/03 e 11.645/08. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n 1, 2011.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

SERRANO, Carlos. WALDMAN, Maurício. **Mémoria d’África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SISTO, Celso. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam. As histórias africanas: uma herança viva. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org) **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo Cortez, 2012, p. 269-291.

SOTIGUI Kouyatê: um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest. Produção SESC TV: São Paulo – SP, 2006. 57:09 mim. Son, Color, Formato: 16 mm. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te\\_3pjl](https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjl)>. Acesso em Acesso em 15 nov. 2016.

SOUZA, Mônica Lima. Para que serve a história da África? **Revista História Viva**. São Paulo: Duetto Editorial, nº123, 2014.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia, In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010, p.139-166.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

PORTFÓLIO



Imagem retirada do site: <http://www.jornal.ceiri.com.br/a-importancia-do-continento-africano-no-seculo-xxi/>

ELAINE DE CASTRO LEÃO

2016

**ELAINE DE CASTRO LEÃO**

**PORTFÓLIO**

Trabalho apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Seminário, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Me. Daiana Lucas Vieira, no curso de Especialização em História da África, oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

JUIZ DE FORA

2016

## SUMÁRIO

1. História de vida e memória .....	52
2. Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis .....	54
3. Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas .....	62
4. Considerações finais .....	69
Referências bibliográficas .....	70



(...) temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.

Boaventura Sousa Santos – Sociólogo

## 1. Histórias de vida e memória

Nelson Mandela disse: *Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.* Acredito que por isso sempre convivi com pessoas negras e não me recordo, na minha infância, de ter ouvido qualquer comentário depreciativo ou a palavra racismo.

Quando criança tive um vizinho que foi meu amigo, o Paulinho, e ele é negro. Conversávamos e brincávamos pela cerca de bambu que separava os terrenos de nossas casas. Ele teve um avô muito legal e divertido, o “Seu Zé”, contava histórias e brincava muito com a gente, o que fazia, na maioria das vezes, com que eu fosse para a casa deles. Não tenho nenhuma lembrança dos meus avós contando histórias, brincando comigo ou com qualquer outro neto. Nós crescemos e nos afastamos. Ainda somos vizinhos, nos falamos, mas não somos mais amigos como no tempo de criança.

Na escola, nos anos iniciais de aprendizado, fiz algumas amizades, mas apenas uma amiga muito próxima, que frequentávamos a casa uma da outra. Seu nome é Andreia. Ela é negra. Hoje ainda moramos no mesmo bairro e nos falamos quando nos encontramos, mas não como na época da escola. Sempre tive amigos negros e por não ter problema em me relacionar com eles, não conseguia perceber a existência do racismo.

No período do ensino fundamental, aprendi muito sobre história antiga: Grécia e Egito, mas não aprendi que os egípcios eram negros. O único aprendizado em relação aos negros foi sobre a escravidão, as leis que permearam o período e os maus tratos.

Fiz faculdade de Serviço Social, na UFJF, entre 1994 e 1998, e não tive sequer um colega de classe negro. Depois de formada trabalhei em uma cidade do interior de Minas Gerais, em um hospital, onde não tinha um só médico negro. Os funcionários negros eram auxiliares de enfermagem ou da limpeza. O que me deixa mais triste é que só percebi isso atualmente. Eu era muito nova e não enxergava que esse fator representava um grande problema da nossa sociedade.



Getúlio Vitor - Igualdade Racial, óleo sobre tela, 70 cm x 50cm, 2013 – retirada do site:<http://getuliovector.blogspot.com.br/2013/03/igualdade-racial.html>

Anos depois fiz faculdade de Letras, nesta época fiz amizade com uma colega de curso, também negra. E foi neste período da minha vida que descobri o racismo. Ela contava sobre suas experiências e vivências. Tudo o que ouvi me comoveu e doeu, muito. A diferença de tratamento na escola, a procura por emprego, as festas que não foi convidada, os lugares que não podia frequentar e a timidez e o acanhamento sempre presentes esperando uma reação ruim de pessoas preconceituosas. A história que me marcou intimamente foi de quando estava em fase de alfabetização e, sempre que a professora perguntava quem queria ler; ela era a única que erguia a mão e a professora respondia que ela não podia ler porque era preta.

Como pessoas iguais a mim podem ser tratadas de forma tão diferente? E assim fui apresentada a uma realidade perversa que nunca imaginei, que até então eu não havia tido qualquer contato, que me feriu profundamente e me levou a questionamentos sobre a situação atual do negro na sociedade.

O tempo passou, terminamos a faculdade, mas minha amizade com a colega de sala, Elsimar, a cada dia cria novos laços. Um dos laços que nos une é a vontade de abrir os olhos e a cabeça das pessoas em relação ao preconceito. Ela fez um curso sobre esta temática antes de mim, e me apresentou a Lei nº 10.639/03.

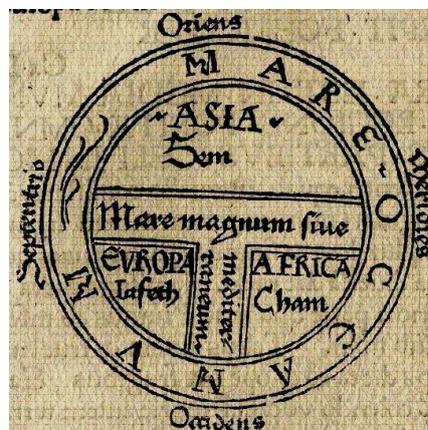
Tudo isso me ajudou a perceber alguns comportamentos de meus alunos em sala de aula. Hoje percebo o tratamento que recebem e consigo interceder. Ouço a forma como se tratam e posso intervir. Enxergo a baixa autoestima e tento reverter. Compreendo seus questionamentos e tenho recursos para ajuda-los.

Busquei o curso, pois o que faço ainda é muito pouco perto do que posso fazer se tiver embasamento teórico e conseguir compreender onde tudo começou e o porquê. Desta forma vou ter os argumentos necessários para desconstruir tais atitudes e reconstruir posturas de reconhecimento enquanto cidadão, dos alunos, dos amigos e de todos que eu puder ajudar.

## 2. Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Despertei quando iniciei a Especialização em História da África, pois tomei conhecimento de um assunto, que até então, era desconhecido ou distorcido. Eu nada sabia sobre a temática do negro, sobre suas dores, sobre suas lutas ou sobre sua ascendência. Nada sabia sobre o continente africano além da África retratada pela mídia por estereótipos negativos, como diz a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie<sup>4</sup>, por uma “história única”, que mostra apenas a desnutrição, o analfabetismo, a mortalidade infantil e as epidemias. O curso despertou dúvidas e inquietações; desconstruções, construções e reconstruções que me fizeram aprender e, principalmente, buscar. Como diz a professora Mônica Lima<sup>5</sup>: *A África está em nós, em nossa cultura, em nossa vida, independentemente de nossa origem familiar pessoal. Sendo brasileiros, carregamos dentro de nós muito da África. Portanto, conhecer a História da África é um caminho para entendermos a nós mesmos.* Essa busca está me equipando com um vasto e diversificado material para trabalhar com amigos, família e principalmente em sala de aula.

Aprendi que a África, o berço da humanidade, é um continente com 54 países, alguns ainda hoje lutam por sua independência, muitos lutam contra a pobreza, outros contra problemas étnicos. É um continente muito rico na diversidade cultural: muitas línguas e dialetos, arquitetura única, paisagem diversificada, culinária, música, dança e crenças variadas. Aprendi também que os problemas de desigualdade e racismo vieram após a colonização, antes disso, os próprios africanos não tinham ideia de um mesmo povo ou de uma identidade. Que os europeus criaram a imagem da África como inferior, e como consequência, fazendo todo o planeta tratar o povo negro como inferior, ao ponto de serem comparados a animais, como se a cor da pele definisse o caráter e toda pessoa negra fosse ruim e todos os brancos bons. Aprendi



Mapa-múndi de Isidoro de Sevilha\*

<sup>4</sup> Chimamanda Ngozi Adichie escritora nigeriana no vídeo encontrando em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)

<sup>5</sup> Mônica Lima é Doutora em História e professora da UFRJ

\* Mapa cristão do T/O: alusão à Europa como o lar dos descendentes de Jafé, a África sendo dos descendentes de Cam e a Ásia lar dos descendentes de Sem. O “T” representa o Mar Mediterrâneo dividindo três continentes: Ásia, África e Europa, sendo o “O” um Oceano circundante. Figura retirada do site [http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-65682012000100017&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-65682012000100017&script=sci_arttext&tlng=pt)

ainda, que a escravidão teve início no próprio continente, com a escravidão doméstica, e a escravidão europeia iniciou-se no século XVI, com o rapto de pessoas e mais tarde com a compra ou troca por mercadoria. *Africanos e afrodescendentes foram espalhados pelo mundo, contra sua vontade, retirados de suas aldeias, de suas famílias e de sua terra natal. Não carregavam consigo nada além de si próprios – seus corpos, suas tradições, suas memórias.* (Lima, 2010, p.26). Mas os negros escravizados não aceitaram tudo de braços cruzados como aprendia na Escola. Surgiram vários movimentos, como o Pan-africanismo, Harlem Renaissance, Negritude, e após a abolição da escravatura, vários espaços com proposta assistencialista, cultural ou recreativa foram fundados como, Clube 28 de setembro, em São Paulo e o Centro Cívico Cruz e Souza, em Santa Catarina, que existem até hoje. Teve início um movimento que foi muito significativo: Frente Negra Brasileira, sendo o primeiro com reivindicações políticas abrangentes. Após isso o governo Lula, com a combinação de três vertentes: combater o racismo, melhorar as condições socioeconômicas e reconstruir a identidade dos afrodescendentes, deu um grande passo na área da educação: a Lei 10.639/03, modificando a lei de diretrizes e bases, mudando, desta forma, a imagem da África e implementando seu ensino.



Imagem retirada do site:  
<http://soprahistoriar.blogspot.com.br/2011/10/plano-de-aula-reconstruindo-africa-em.html>

Aprendi a importância da memória e acredito que fazendo uso dela na escola, utilizando bons textos e vídeos adequados, discutindo a falta de um projeto para a inclusão dos negros após a abolição, debatendo as africanidades e o motivo da luta dos negros, ainda hoje, por igualdade, apresentando várias personalidades negras em diferentes papéis sociais, valorizando a cultura africana e a afro-brasileira, vamos ajudar os alunos a repensar a África, desconstruir mitos e estereótipos e a encontrar sua identidade, desacreditando o racismo, a baixa autoestima e o preconceito. Trabalhando desta forma os alunos podem sentir orgulho de sua ancestralidade e de sua herança africana e logo perceber que a população negra é parte da formação da sociedade brasileira. Compreendi a importância das mulheres negras na nossa história. Tia Ciata, líder religiosa, que influenciou o surgimento do samba de roda carioca. Era considerada uma das “tias” baianas que foram homenageadas e representadas pelas escolas de samba com a Ala das Baianas. Rosa Parks que ganhou fama após ter recusado ceder lugar no ônibus a um branco, no ano de 1955, foi símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos

durante os anos 60. Tereza de Benguela ou Rainha Tereza, líder do Quilombo de Quariterê, símbolo de força e luta pela liberdade e ícone da resistência para as mulheres negras do país, após a morte do marido, passou a liderar a comunidade do quilombo, da atual região do Mato Grosso, resistindo bravamente à escravidão por mais de 20 anos. E ainda há as “pretas velhas”, contadoras de histórias escravizadas ou livres que contavam histórias nas senzalas, de casa em casa ou de fazenda em fazenda e influenciaram pessoas como Monteiro Lobato e Jorge Amado. A ama-de-leite ou mãe preta que vivam na casa grande e amamentavam os filhos dos brancos e nem por isso deixaram de sofrer abusos ou serem maltratadas, e que, ainda assim, influenciaram esses inocentes, deixando na sociedade a marca africana por meio das cantigas de ninar e da linguagem cotidiana, com palavras de sua terra natal.

Percebi que não temos uma língua mãe e nosso idioma – o português brasileiro - sofreu influência de várias línguas, mas principalmente a da língua africana. Com a chegada de milhões de africanos ao Brasil, através do tráfico, vieram também várias línguas e dialetos, parte de sua civilização. *Na África são faladas aproximadamente duas mil línguas, as quais, por sua vez, têm suas variantes: os dialetos. Entre essas línguas, mais de 50 são faladas por mais de um milhão de pessoas*<sup>6</sup>. Os africanos enriqueceram nossa língua com uma grande diversidade de novas palavras, principalmente através do idioma banto, que deu origem a várias línguas dos países africanos ao sul do equador, geralmente relacionadas a animais, plantas, utensílios, alimentos, fenômenos naturais, credences e doenças, por exemplo, arara, capivara, gambá, marimondo, minhoca, abacaxi, farofa, fubá, jiló, quitanda, arapuca, piracema, saci, curupira, catapora, cochilo entre outras tantas que usamos corriqueiramente e com tanta naturalidade que não percebemos ou imaginamos que vieram de terras tão distantes. Acredito que grande parte das pessoas e principalmente dos alunos não têm conhecimentos do vasto vocabulário trazido pelos negros. Conhecendo a origem dessas palavras, também estamos conhecendo um pouco sobre a história da África, de nossos antepassados africanos e sobre a história de nossa língua.

Compreendi a importância de ensinar, principalmente as alunas, as boas referências intelectuais e de resistência femininas para que possam se espelhar nessas mulheres, exemplos de luta contra o preconceito de gênero e raça, afinal, o conhecimento é libertador e de suma importância para enfrentarem as batalhas do cotidiano superando as dificuldades para romper com um passado que coloca a mulher negra como inferior e incapaz. É imprescindível que compreendam a necessidade de terminar com a exploração sexual, violência, empregos

---

<sup>6</sup> História da África Mônica Lima.

desvalorizados e condições precárias tanto na saúde como na educação, com a inadequação da imagem da mulher negra em propagandas e programas de TV e que não precisam lutar sozinhas, podem fazer isso unindo suas forças, almejando sempre o melhor. Que sejam representantes legítimas não apenas de luta, mas também de beleza, da sua beleza negra, exaltando suas qualidades e criando seus próprios padrões. Compreendi a importância de trabalhar o potencial dessas meninas para que se tornem mulheres capazes de serem protagonistas de sua história e escrevê-la de forma diferente da de seus ancestrais, dando fim a sociedade opressora e alcançando a cidadania plena.

Encontrei os cordéis bibliográficos de Jarid Arraes, um excelente material para usar em sala de aula. Além de realizar um trabalho com o gênero literário cordel, também é possível apresentar aos alunos as referências femininas como, por exemplo, a líder quilombola Tereza de Benguela. Segue a baixo uma parte do cordel.

### **TEREZA DE BENGUELA**

*Por Jarid Arraes*

Na história do Brasil  
 Nas escolas ensinada  
 Aprendemos a mentira  
 Que nos é sempre contada  
 Sobre o povo negro e índio  
 Sobre a gente escravizada.

Nos contaram que escravos  
 Não lutavam nem tentavam  
 Conquistar a liberdade  
 Que eles tanto almejavam  
 E por isso só passivos  
 Os escravos se ficavam.

Ô mentira catimboza  
 Me dá nojo de pensar  
 Pois o povo negro tinha  
 Muita força exemplar  
 E com muita inteligência  
 Sempre estavam a lutar.

[...]

Que seus feitos importantes  
 Não mais sejam esquecidos  
 Que o racismo asqueroso  
 Não lhes deixe escondidos  
 Pois são para o povo negro  
 Exemplos fortalecidos.

Oh Tereza de Benguela!  
 Nosso espelho ancestral  
 Sua alma ainda vive  
 E entre nós é maioral  
 Nós honramos sua luta  
 Sua força atemporal!

FIM<sup>7</sup>

Para trabalhar o potencial e a autoestima dos alunos podemos utilizar como recurso os blogs de moda já que, hoje em dia, a vaidade não faz parte apenas do universo feminino. Dessa forma podemos trabalhar com o gênero textual virtual, estimulando os educandos a criarem o próprio diário virtual, incentivando assim a produção textual. Eles terão a oportunidade de conhecer um número



Fotos do americano James C. Lewis

incontável de negros que mantêm blogs, nacionais e internacionais, de valorização da cultura negra, como: Estilo black: moda afro para homens, O último black power, Mequetrefismos, Gisela Francisca, Blogueiras negras teen, entre outros. Com essa atividade, vão descobrir estilos, se identificando e se inspirando, rompendo com a desvalorização da imagem do negro.

Obviamente não vou deixar de trabalhar com os líderes da resistência negra masculina, como Nelson Mandela e Zumbi. Mas senti necessidade de fazer um trabalho específico, com os meninos, quando fui surpreendida por uma afirmação de um aluno do 7º ano, sobre a não existência de príncipes negros. Fiz um trabalho, com um texto retirado do site [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br), que trata sobre a imposição da mídia por um padrão de beleza europeizado, especialmente para as mulheres, e sobre a diversidade cultural e racial brasileira. Após trabalhar o texto explicando o que é o padrão de beleza europeu e como é impossível que a maioria da população brasileira se encaixe nesse padrão, utilizei uma apresentação de slides, com um ensaio fotográfico do americano James C. Lewis, de Atlanta, retiradas do site <http://www.estiloblack.com.br>, que recria a imagem dos maiores reis africanos. Nessa apresentação inseri imagens de algumas rainhas negras do passado, princesas negras do presente, personagens de ficção de animação, filmes e histórias em quadrinhos (HQ's), personalidades como presidentes, advogados, geógrafos, escritores, pastores, costureiras –

<sup>7</sup> Texto retirado do site <http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2015/07/25/voce-sabe-quem-foi-tereza-de-benguela/>

como Rosa Paks e jornalistas. No fim coloquei várias pessoas negras, tanto homens quanto mulheres, famosas e anônimas, com vários estilos de cabelos. Foi uma experiência muito positiva, pois vi, mais tarde, alguns alunos mudando a forma de agir e até o estilo do cabelo.

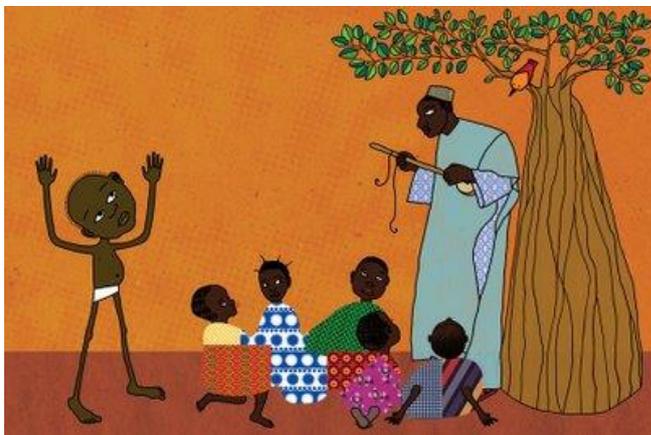


Imagem retirada do site: <http://blackpagesbrazil.com.br> *oral [...], são os ministrantes da palavra africana [...], os condutores do rito de ouvir, ver, imaginar; participar, são os artesãos da palavra.* (SISTO, 2012, p.271). São os anciões que detêm a história de vida de seu povo e de todas as pessoas com quem convivem e conviveram, são a herança de tudo o que os ancestrais viveram. São respeitados por sua idade e por sua sabedoria, considerados uma biblioteca viva, suas funções, social e política, são de grande relevância. Contam as histórias, sejam religiosas, políticas ou sociais em forma de poesia, geralmente acompanhados por instrumentos musicais, como a kora ou o xilofone. Não se escolhe ser griot por vontade. Essa posição importante é passada como uma herança, de geração a geração, como uma espécie de casta, e ensinada desde pequeno. As sociedades africanas valorizam a oralidade, o poder das palavras, não apenas como comunicação cotidiana, mas também como uma forma de preservação da sabedoria.

Descobri a possibilidade de trabalhar a África a partir dos contos africanos, ensinando como os griots: o ouvir, o observar e, quem sabe, recontar. A contação de histórias contribui para o hábito de ler, desenvolve a linguagem, enriquece a imaginação e aguça a criatividade, estimula o senso crítico e reflexivo, desperta emoções e valorização de sentimentos. Segundo Celso Sisto (2012, p. 274) eles contam histórias de animais, histórias com moralidades, histórias cômicas e mitos, com a função de entreter e instruir. Passar aos jovens os valores morais como o respeito aos mais velhos, reconhecendo sua sabedoria e conhecimentos, tão esquecidos e desvalorizados na sociedade brasileira de hoje.



Imagem retirada do site:  
<http://de.slideshare.net/Leopoldo-Galvao/sundiata-o-leo-do-mali-will-eisner/25>

Descobri o *Épico de Sundiata*, uma tradicional história da África ocidental, no formato de história em quadrinho (HQ), lançada pela Companhia das Letras, *Sundiata, o leão do Mali - Uma lenda africana*, de Will Eisner. Assim é possível prender a atenção dos alunos, tornando o estudo sobre o conto africano prazeroso e fascinante, e ainda, trabalhar o gênero que ajuda na criação, imaginação, interpretação, além de divertir, trabalhando a linguagem mista (verbal e não verbal), tipo de diálogo e pontuação. Além disso, é possível contar a *Epopéia de Sundjata*, lenda da qual existem mais de trinta versões, abordando o gênero épico e abordando as diferentes estruturas textuais. Por fim,

discutir a moralidade da história sobre a vitória da sabedoria e da sinceridade sobre o poder destrutivo da ganância.

Entendi o uso da música como expressão e protesto. Entendi o surgimento do Blues, que nasceu da nostalgia dos escravos negros, como a primeira e principal forma cultural do afroamericano, sendo mais que uma simples música, mas também um meio de expressão sociológico e psicológico. O Jazz nasceu do Blues e como ele também era cantado nas igrejas e nos campos de trabalho. Mais tarde, esses dois estilos, inspiraram vários gêneros musicais em todo mundo. O povo Kel Tamacheque (*aqueles que falam tamashaq ou tamajaq é sociedade Bérbere - Amazigh, homem livre formada por descendentes dos primeiros habitantes do norte da África que ocupam atualmente um vasto território no Saara central*)<sup>8</sup> usou a música como uma forma de resistência e mobilização. Inicialmente os jovens Ichúmar (desempregado), que deixavam suas aldeias para ir trabalhar, compunham músicas chamadas por eles de *issuf* (nostalgia). Segundo o professor Mahfouz Ag Adnanem, a música:

ampliou-se e passou a ser usada para se falar de um/a jovem que começa a ganhar certa independência pessoal. Ela foi, inicialmente, censurada no Mali e no Níger, mas suas músicas de reivindicações, de guerra, de política e d'amor, circularam em toda região Tamacheque como um chamado aos jovens para pegar as armas e integrarem-se à rebelião dos anos 1990. Hoje, após os acordos de paz, os concertos se multiplicam em seus países e no exterior, sobretudo na Europa.

<sup>8</sup> Professor Mahfouz Ag Adnanem Mestrando em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP. Bolsista CNPq, membro da Casa das Áfricas. Contato: mahfouz\_adnane@yahoo.com

Pesquisei as várias músicas usadas como forma de protesto em nosso país e a música é usada para protestar desde 1964, período em que fomos governando pelos militares. E mesmo com o fim da ditadura as canções continuam denunciando os problemas sociais e políticos de nosso país. Exemplos disso são: a música *Cálice* de Chico Buarque e Gilberto Gil, composta em 1973 e lançada em 1978 por causa da censura, que faz um jogo de palavras com o a palavra cale-se; *O Bêbado e o equilibrista*, composição de João Bosco e Aldir Blanc, gravada por Elis Regina, em 1978, é um hino a anistia fazendo referência às viúvas de presos políticos e ao exílio de intelectuais; *Que país é esse?* Composta em 1978 pela banda Legião Urbana critica a política vigente mostrando o descontentamento vivido pela população e muitas outras canções.



Albert Gleizes, 1915, *Composition pour Jazz*, Museu Solomon R. Guggenheim, Nova York.

Entendi que trabalhar com música é algo agradável tanto para o professor quanto para o alunado. Além de apresentar diferentes gêneros musicais, e do repertório ao qual estão acostumados, é uma forma fácil de aprenderem sobre a história de seus ascendentes, sobre suas lutas, conquistas e que existem outras formas de construir nossas memórias, transmitir nossa cultura e luta social.

### 3. Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas

Compreendi que<sup>9</sup>:

A intervenção pedagógica é uma interferência que um profissional, tanto o educador quanto o psicopedagogo, faz sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem do sujeito, (...). Entende-se que na intervenção o procedimento adotado interfere no processo, com o objetivo de compreendê-lo, explicitá-lo ou corrigi-lo. É preciso introduzir novos elementos para que o sujeito, pense, elabore de uma forma diferenciada, quebrando padrões anteriores de relacionamento com o mundo das pessoas das ideias.

Percebi, como educadora, que apenas a aprovação da Lei 10.639/03 em si, que instituiu o ensino da de História e Cultura Afro-Brasileira, que alterou a Lei de Diretrizes de Bases (LDB), estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasilidade nas escolas públicas e privadas de todos os estados brasileiros, não bastam para inserir em sala de aula a História da África. Também percebi, ao longo do curso de Especialização em História da África, que não se pode entender a História do Brasil sem compreender as relações com o continente africano, sendo necessário modificar o ensino-aprendizagem valorizando conhecimentos dessa cultura, para termos um resultado eficaz. *Devemos lembrar que a História da África é parte indissociável da História da Humanidade (...)*. (Lima, 2010). Independente de nossa capacidade profissional, devemos nos inteirar bem do assunto criando base para sermos mais justos com a complexa e sofisticada cultura das várias Áfricas, desmistificando a visão equivocada de uma África única.

Podemos e devemos inserir novos elementos dentro das aulas construindo um novo olhar, tanto a nível nacional como regional, para ajudar aos alunos a encontrar a África que está em nossa cultura, em nossa vida cotidiana e assim ajudá-los a encontrar um caminho para conhecerem a si mesmo dentro do contexto afrobrasileiro, sendo importante não apenas para a criança negra aprender sobre sua cultura e se reconhecer como tal, como também para que as crianças brancas reconheçam as relações pluriétnicas, sendo educadas sem a prática do preconceito racial. É de grande importância que os alunos possam compreender sua origem, identidade e realidade, possibilitando que conheçam e identifiquem problemas e nela

---

<sup>9</sup> PORTAL da Educação. Artigo por Colunista Portal - Educação - terça-feira, 23 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/45449/o-que-sao-intervencoes-pedagogicas>

interferiram de maneira mais crítica e consciente, refletindo sobre questões ideológicas e culturais por traz da organização sociocultural e política do país.

A cultura é um importante meio de comunicação e herança com seu grupo social. A cultura de cada grupo social, racial, exerce grande influência na vida das pessoas que a eles pertencem, pensando nisso, surge a necessidade de se trabalhar com conceitos e atuações representativas de cultura e formação de identidade do indivíduo afrodescendente.

As crianças negras brasileiras crescem cercados de valores culturais da sociedade branca e sem um referencial positivo para fortalecer sua autoimagem. Como, então, vão iniciar luta pelo seu reconhecimento social se crescem sem representatividade, sem referência?

Atualmente, grande parte das escolas trabalham apenas com a data de 20 de novembro, dia da Consciência Negra, sem análises críticas, questionamentos ou um maior aprofundamento sobre o tema, que não é devidamente trabalhado pelas instituições de ensino. Alguns livros didáticos também nos dão poucas opções de trabalho sobre as africanidades e até mesmo no que diz respeito aos próprios conteúdos disciplinares. É urgente que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem repensem as relações étnico-raciais na escola e o objetivo da educação oferecida nas instituições de ensino.

Diante disso, trabalhando com a disciplina de Língua Portuguesa, pensei em apresentar uma sequência didática baseando no gênero HQ, que pode contribuir de forma positiva para a realização de uma intervenção pedagógica, aumentando o nível de proficiência do alunado:

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### AULA 1 e 2

#### I. IDENTIFICAÇÃO:

COMPONENTE CURRICULAR: **LÍNGUA PORTUGUESA**

TEMA: **LÍNGUAGEM ORAL**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO FUNDAMENTAL**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

#### II. OBJETIVOS:

- Desenvolver a oralidade;
- Conhecer a cultura africana;

#### III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Verificar o conhecimento prévio dos alunos em relação a Épicos;
- Ouvir o que conhecem e o que acreditam ser um épico;
- Iniciar uma apresentação sobre os épicos clássicos.

#### VI. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Formar um círculo com os alunos e perguntar aos alunos se já ouviram alguma história sobre feitos heroicos, de um ou vários indivíduos, reais, imaginários ou mitológicos. Ouvir as histórias que conhecem direcionando para contos épicos.
- Em seguida verificar se os alunos conhecem alguma história épica, em caso afirmativo pedir para contar.
- Iniciar uma explanação sobre o que é uma Epopeia (do grego *épos* que significa “palavra, notícia ou discurso”, são textos narrativos em prosa ou em versos que relatam acontecimentos heroicos, revoluções sociais, fundações de cidades, descobertas de continentes, para tanto, menciona fatos brilhantes, determinados heróis e realizações grandiosas).

#### V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:

- O aluno deverá registrar o que nas aulas foi uma novidade, o que de tudo discutido em sala mais chamou sua atenção. Esses registros serão feitos a cada aula.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

### **AULA 3 e 4**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

**COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA**

**TEMA: LÍNGUAGEM ORAL / EPOPEIA**

**NÍVEL DE ENSINO: ENSINO FUNDAMENTAL**

**Nº DE AULAS: 2 AULAS (50 minutos cada)**

#### **II. OBJETIVOS:**

- Adquirir conhecimento básico sobre Epopeia;
- Adquirir conhecimento sobre a localização dos países da África onde ocorreu a história de Sundjata.

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Citar as epopeias clássicas (Ilíada (800-750 a.C), Odisseia , Eneida (70-10 a.C.), A divina comédia (1265-1321), Os Lusíadas (1524-1579),
- Apresentar o Reino Mandinga e o Império do Mali.

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Apresentar trechos de filmes baseados nas epopeias clássicas,
- Apresentar mapa antigo e atual, mostrando onde ficava o Império do Mali, e onde é o atual país;
- Apresentar mapa antigo e atual, apresentando Reino Mandiga, e a atual Guiné.

#### **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá registrar o que nas aulas foi uma novidade, o que de tudo discutido em sala mais chamou sua atenção. Esses registros serão feitos a cada aula.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

### **AULA 5 e 6**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

**COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA**

**TEMA: LÍNGUAGEM ORAL / GRIOTS**

**NÍVEL DE ENSINO: ENSINO FUNDAMENTAL**

**Nº DE AULAS: 2 AULAS (50 minutos cada)**

#### **II. OBJETIVOS:**

- Compreender a importância da tradição oral nas sociedades africanas;
- Apresentar os Griots e sua importância como guardiões da memória histórica;

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Passar o documentário: Sotigui Kouyatê: um griot no Brasil.

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Passar o documentário;
- Refletir sobre a falta de um profissional equivalente no Brasil (Quem cuida de nossas memórias? Como são registradas nossas memórias?)

#### **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá registrar o que nas aulas foi uma novidade, o que de tudo discutido em sala mais chamou sua atenção. Esses registros serão feitos a cada aula.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### AULA 7 e 8

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

COMPONENTE CURRICULAR: **LÍNGUA PORTUGUESA**

TEMA: **LÍNGUAGEM ORAL / EPOPEIA DE SUNDJATA**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO FUNDAMENTAL**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

#### **II. OBJETIVOS:**

- Reconhecer textos épicos de outros autores;
- Conhecer mais sobre a cultura africana.

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Contar a história de Sundjata;
- Entregar um texto resumo da história;

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Apresentar *Sundjata ou a epopeia Mandinga*.
- Tentar contar a História de Sundjata, o mais detalhadamente possível;
- Relatar sobre os casos que surgiram em torno da História de Sndjata.

#### **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá registrar o que nas aulas foi uma novidade, o que de tudo discutido em sala mais chamou sua atenção. Esses registros serão feitos a cada aula.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### AULA 9 e 10

#### I. IDENTIFICAÇÃO:

COMPONENTE CURRICULAR: **LÍNGUA PORTUGUESA**

TEMA: **LÍNGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL / GÊNERO HQ**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO FUNDAMENTAL**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

#### II. OBJETIVOS:

- Identificar o gênero textual HQ (história em quadrinhos) e suas características textuais;
- Incentivar a leitura de diferentes gêneros;
- Desenvolver, através de atividade prática, a leitura de textos verbais e não verbais.
- Desenvolver a escrita.

#### III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Apresentar a HQ de *Sundjata: o leão do Mali*, recontada por Will Eister;
- Redigir um texto sobre todo o conteúdo apreendido nas aulas.

#### IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Apresentar aos alunos a HQ *Sundiata: o leão do Mali*, de Will Eisner, trabalhando o gênero HQ;

#### V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:

- O aluno deverá redigir um texto usando as anotações realizadas durante todas as aulas. Esse texto será avaliado pelo professor.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em um país de tamanha diversidade, eu, como educadora, percebo a importância de trabalhar toda essa multiplicidade cultural, ensinando os alunos a reconhecerem essa diferença e respeitá-la, fazendo com que se sintam, se enxerguem como sujeitos sociais, históricos e culturais.

Que tomem consciência de sua realidade social, dos grupos étnicos e das várias manifestações da sociedade, do qual, muitas vezes, ignoram. Ajudando-os a refletirem sobre seus problemas sociais e não a omitirem, encontrando sua identidade social.

Concluo que as considerações com as quais finalizo esse portfólio são, na verdade, o início de tudo. É o início da reestrutura da minha forma de trabalho, o início da descoberta da minha ancestralidade e de tantas outras pessoas, o início da desconstrução de antigos e enraizados preceitos e da construção de novos conceitos, é a ruptura de preconceitos e mitos e a organização de uma nova forma de ensinar a história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADNANE, Mahfouz Ag. Resistência cultural Kel Tamacheque no pós-colonial no Mali e no Níger: o movimento Ichúmar. In: Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013, Natal. **Anais eletrônico**. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799\\_ARQUIVO\\_ANPUH-Natal2013\\_texto\\_MahfouzAgAdnane.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799_ARQUIVO_ANPUH-Natal2013_texto_MahfouzAgAdnane.pdf). Acesso em: 22 jul. 2016.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 3 out. 2015.

———. Ministério da Educação/Secad. 2004 **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 6 dez. de 2015.

LIMA, Mônica. História da África. **Cadernos PENESB**: Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Niterói, n 12, p. 23–68, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/LIVRO%20PENESB%2012.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

SISTO, Celso. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam. In: MORAES, Fabiano e GOMES, Lenice. (Orgs.). **A arte de encantar o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 269-291.